



Diretor:
JOSÉ VELENSCK



Órgão Oficial do Centro Acadêmico «Oswaldo Cruz»
Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

ANO XIX

São Paulo — Setembro-Outubro de 1952

N.º 64

PROFESSOR CHARLES EDWARD CORBETT

TRAÇOS BIOGRÁFICOS — Filho de Percy Corbett e de D. Antonietta Marques Corbett, nasceu em São Paulo aos 4 de junho de 1913.

Iniciou seus estudos primários no Ginásio de São Bento, desta capital e os completou no Ginásio Diocesano Santa Maria, em Campinas. Posteriormente cursou o Liceu Nacional Rio Branco.

Ingressou na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, no mês de fevereiro de 1932. Recebeu o seu diploma aos 9 de dezembro de 1937.

Participou da «Revolução Constitucionalista de 1932».

Enquanto estudante, dividiu com Nélcio Pereira Guilherme Cristiano, seu colega de turma, a tarefa de taquigrafar as aulas da maior parte das matérias que compõe o currículo médico.

Acompanhou um curso de «Semiologia Clínica», do Prof. José Barbosa Correia, trabalhou no «Serviço de Profilaxia da Sífilis», mantido pelo «Centro Acadêmico Oswaldo Cruz». Ainda estudante, acompanhou diversos cursos de Fisiologia e Química Fisiológica, nos respectivos Departamentos desta Faculdade.

Em 1935, ingressou, como estagiário na 4ª Cirurgia de Homens da Santa Casa de Misericórdia de S. Paulo, Serviço do Prof. Benedito Montenegro, ocupando depois o cargo de estudante interno efetivo. Durante este estágio, elaborou um trabalho sobre «Peritonites». Continuou a trabalhar nesse serviço, depois de formado, até o mês de setembro de 1938.

FORMAÇÃO CULTURAL — A sua base cultural foi constituída pelo estudo de Farmacologia e de ciências a ela relacionadas. Os diversos cursos que acompanhou de Fisiologia e de Química Fisiológica, nesta Faculdade, atestam esta orientação.

Acompanhou também um curso de «Hematologia Clínica Esquemática», promovido pelo Centro Acadêmico Oswaldo Cruz e a cargo do Dr. Humberto Costa Ferreira, realizado no próprio Departamento de Farmacologia.

CARREIRA NO MAGISTERIO — Tendo aceitado o convite do Prof. Jayme Regallo Pereira, para desempenhar as funções de 2º assistente na Cadeira de Farmacologia da Faculdade de Medicina, em regime de tempo integral, foi nomeado para este cargo por decreto de 27 de setembro de 1938.

Em 1939, atuou como 1º assistente substituto, ocupando novamente este cargo em 1941. Em 1943, obteve o título de Docente Livre de Farmacologia. Em 1944, foi nomeado professor de Farmacologia da Escola de Enfermagem de S. Paulo. Em 1945, foi nomeado 1º assistente da Cadeira de Farmacologia. Em 1946, assumiu a regência da Cadeira de Farmacologia, durante o 2º semestre, tendo igualmente ocupado este posto em julho de 1949, permanecendo até março de 1950. Em 1950, foi designado como professor de Farmacologia da Escola de Enfermeiras Obstetrias, anexa à Faculdade de Medicina. Em 1950, também, foi investido no cargo de Professor interino de Farmacologia na Universidade Católica — Faculdade de Medicina de Sorocaba. Em 1951, assumiu a regência da Cadeira de Farmacologia, em virtude da aposentadoria do Prof. Jayme R. Pereira.

ATIVIDADE DIDÁTICA — Desde que ingressou no Departamento de Farmacologia da Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo, teve sempre sob sua responsabilidade uma parte dos cursos teórico e prático da Cadeira de Farmacologia, além do Curso de Enfermagem e do curso para Enfermeiras Obstetrias.

Ministrou um curso de Anestesia, em 1948, a convite do Dr. Reynaldo de Figueiredo, chefe do Serviço de Anestesia do Hospital das Clínicas, tendo repetido este curso em 1949. Colaborou no «Curso de Anestesiologia», patrocinado pelo Serviço de Saúde Regional da 2ª Região Militar e no curso para Oficiais Médicos e Farmacêuticos da Reserva do Exército Nacional, em 1942.

Participou do curso de «Anatomia de Animais de Laboratório», em 1946, além de proferir inúmeras palestras, percorren-



Prof. Charles Edward Corbett durante a prova didática.

Os ligeiros traços biográficos que aqui delineamos, bem dizem da personalidade científica e didática do novo Professor de Farmacologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

Novo professor! Como isto nos sôa pouco aplicável. Se por um lado é certo se encaramos a palavra novo como jovem, que muito jovem é o novo professor de Farmacologia, por outro lado de há muito tempo que o Dr. Charles Corbett é o professor da cadeira de Farmacologia, seu dirigente, orientador e organizador; pois que, por várias vezes e de há muito tempo, baseado em sua capacidade diretiva e seu tino organizador, o Prof. Regalo Pereira entregou confiante, confiança esta nunca desmerecida, a direção do departamento ao Dr. Charles Corbett.

E tão eficiente foi esta direção que hoje o Departamento de Farmacologia é um dos mais bem organizados da Faculdade de Medicina e onde o aluno encontra o ambiente mais democrático e a melhor acolhida.

Não queríamos, porém, deixar de assinalar aqui, nesta homenagem ao novo catedrático da Faculdade de Medicina — Professor Charles Edward Corbett — a personalidade que nós, alunos esportistas e «esportistófilos» que descemos sempre ou de vez em quando à piscina, conhecemos o grande animador dos esportes na Faculdade de Medicina.

Esportista cem por cento, frequentador assíduo de nossa piscina desde os tempos escolares (e que por isso só já poderíamos admirá-lo como um exemplo, como um metodista impar e completo, que apesar dos múltiplos atazeres no departamento e mesmo agora como catedrático, continua metódica e assiduamente «descendo» à piscina) é um dos que mais e sempre estimularam a rapaziada da natação e polo nos treinos e nas competições. Sempre o vemos acompanhando os treinos instrutivos do Sato, substituindo-o mesmo muitas vezes e na piscina do Pacaembú durante as disputas da Mac-Med. E' geralmente o patrono de muitas provas e é quem entrega medalhas aos vencedores da Med.

E é também (infelizmente para nós alunos) um dos mais destacados e vitoriosos disputantes da AC-MED.

Receba, Prof. Charles, os nossos mais sinceros parabens.

J. V.

do toda a gama da ciência farmacológica, aplicada à Medicina, Odontologia, à Guerra Química, à Enfermagem, à Higiene e ciências correlatas.

ATIVIDADE CIENTÍFICA — Desde que ingressou no Departamento de Farmacologia, além de sua atividade didática, dedicou-se paralelamente à pesquisa científica. Sempre procurou metodizar as suas atividades de modo a possibilitar semelhante dedicação à investigação dentro da especialidade, indispensável que é para o próprio ensino. A regularidade com que publicou os seus trabalhos reflete esta preocupação de manter paralelos estes dois gêneros indissociáveis de atividade.

A sua atenção ao ensino no curso médico e nas duas escolas de enfermagem, bem como a sua participação na rotina do Departamento de Farmacologia, constituem motivos que o obrigaram a pequenas e repetidas interrupções na pesquisa, no desempenho das funções do cargo que ocupa.

A sua atividade científica, entretanto, não se resume aos trabalhos que publicou com ou sem a colaboração de outrem.

Desde fevereiro de 1948 é o encarregado da colônia de ratos do Biotério Central da Faculdade de Medicina, por solicitação da Diretoria desta Faculdade. A cifra de aproximadamente 5.000 animais com árvore genealógica conhecida, que ele forneceu durante estes últimos quatro anos a outros pesquisadores, atesta a quantidade de trabalho e de tempo que teve de dispendir.

Durante a última guerra, trabalhou no «Serviço de Substitutos do Sangue», onde desempenhou relevante papel durante o tempo em que funcionou.

Auxiliou o Prof. Cyro de Barros Rezendes, na tese: «Da biomicroscopia estereoscópica do fundo do olho do cão, na vigência da hipertensão experimental»; o Dr. Reinaldo Chiaverini, na tese: «Contribuição para o estudo eletrocardiográfico da sobrecarga ventricular direta»; o Dr. Paulo Braga Magalhães, na tese: «Contribuição para o estudo da catarata por galactose em ratos. Influência da administração de tireoide e tiouracil em sua evolução»; o Dr. Hélio Lourenço de Oliveira e Dr. Lício Marques de Assis, em «Regressão da síndrome nefrótica em um caso tratado pelo ACTH. Estudo da excreção urinária de cloro, sódio e princípios antidiuréticos»; o Dr. Tito Ribeiro de Almeida, no trabalho «Rim artificial. Técnica, indicações e resultados de sua aplicação»; os Drs. Antonio Carlos Mauri, Walter A. Hadler e Cassio M. Carvalho, em «Quimioterapia da Lepra».

No Departamento de Farmacologia ainda tem dedicado atenção e eventualmente auxílio às pesquisas de vários colegas.

OUTRAS ATIVIDADES — Ainda durante a última grande guerra, sob os auspícios dos Fundos Universitários de Pesquisa fez estágios nos Estados Unidos, nos laboratórios da Harvard Medical School, em Boston e demais serviços que trabalhavam em conexão com aqueles laboratórios, na extração da soro-albumina, sob a direção do Prof. Edwin J. Cohn.

De volta dos E. U., auxiliou a organização geral do «Serviço de Substitutos do Sangue»; mesmo após ter-se afastado deste serviço, continuou a colaborar com o mesmo através de um contacto menos imediato, por motivo de saúde.

Foi classificado em 1º lugar no «Curso da Coramina», instituído pelo Laboratório Ciba, sendo também o detentor do «Premio Orlando Rangel», de 1940.

Como membro da Comissão dos Fundos Universitários, desde sua organização, em abril de 1944, foi designado para tesoureiro da referida Comissão, exercendo desde maio de 1945 até outubro de 1946, este cargo.

Foi um dos representantes da Faculdade de Medicina de S. Paulo, na 2ª Conferência Pan-Americana de Lepre, realizada em 1946, no Rio de Janeiro.

Em 1948, junto ao Departamento Científico do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, fez parte da Comissão Julgadora do Premio «Prof. Cantídio de Moura Campos»;

(Conclue na pág. 2.

"O BISTURÍ"
EXPEDIENTE

Redação e Administração:
Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz"
Faculdade de Medicina
Av. Dr. Arnaldo - São Paulo

Redatores:

- Diretor
José Velensck
Secretário
Onildo Benicio Rogano

Ivone Facuri
Mario S. Magalhães
Paulo Zuppo
Mauricio Grimberg
Maria José Machado

PROF. CHARLES...

(Conclusão da 1.ª página)

em 1949, foi componente da Banca Examinadora de Química Orgânica no concurso para o «Curso Oswaldo Cruz»; ainda neste ano, foi incluído no Conselho Consultivo do Departamento Científico do nosso Centro Acadêmico. Atendendo a convites, deu aulas sobre vários assuntos a estudantes e a médicos, em cursos organizados pelo Departamento Científico.

No período de 1949-51, como membro da Comissão Executiva da Associação dos Antigos Alunos da Faculdade de Medicina, participou de vários empreendimentos que visavam o estabelecimento de uma estreita aproximação entre alunos e ex-alunos da nossa Faculdade.

Colabora com a «Revista de Medicina», do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, com «Arquivos Brasileiros de Biologia», com «Pinheiros Terapêutico» com «Exerpta Médica».

Pertence à Sociedade Médica de Sorocaba, à Sociedade Paulista de Combate ao Câncer, à Sociedade dos Antigos Alunos da Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo.

Fez parte da Banca Examinadora de Química da Faculdade de Medicina de Sorocaba, nos exames vestibulares, em 1951 e em 1952.

Seus trabalhos publicados versam sobre a Coramina, Narcose, Anestesia Local, Plantas Ictiotóxicas, Rotenona, Tartarato de Ergotamina, Ação diurética de um composto mercurial, Química de Guerra, Ação cardiotônica da Hortênsia, Padronização da Digitalis, Sulfanilamida, Substitutos do sangue, «Scophedai», Farmacologia da Respiração, Homeostase do Oxigênio, Ensino da Farmacologia, Composição dos agentes anestésicos, Farmacologia da Sapucaína, Curare, Avitaminose A, Ação de drogas na Gestação, Tratamento do choque, Isocondrodendrina.

É, finalmente, sua tese «SOBRE A AÇÃO DE DROGAS CURARIZANTES NA SECREÇÃO DA GLÂNDULA SUBMAXILAR DO CAO», com a qual, brilhantemente, venceu o concurso para a Cátedra de Farmacologia da Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo.

O. B. R.

Comitê Acadêmico Pró-Banco de Sangue do Hospital das Clínicas

CONVOCAÇÃO

Em virtude da falta extrema de sangue no Banco de Sangue do H. C., convocamos, por intermédio desta, todos os acadêmicos de medicina a comparecerem, pelo menos uma vez, ao Banco, no 4.º andar do H. C., para doarem uma mínima quantidade do seu sangue.

Outrossim, pedimos a todos que lerem esta nota e que não são acadêmicos de medicina, como médicos, enfermeiras, parteiras e funcionários do H. C., que também atendam a este apêlo, comparecendo ao Banco de Sangue.

Não esqueçam, com essa mínima quantidade de seu sangue, que nenhuma falta lhes fará, poderão salvar uma vida!

O COMITÊ

A ação social do estudante de medicina

Onildo Benicio Rogano

É mister que se divulgue o relevante papel que desempenham os estudantes de Medicina, na órbita dos assuntos médico-sociais.

Pari-passu com a crescente socialização da atividade médica, entre nós, têm os estudantes da arte de Hipócrates desenvolvido, em múltiplos de seus setores, obras de incontestável valor, não só qualitativa, como quantitativamente.

E isso poderemos provar, de modo objetivo e peremptório, consultando os relatórios, que os numerosos departamentos do Centro Acadêmico desta faculdade vêm apresentando.

Esses departamentos multiplicam-se todos os anos, estando já assentadas, em funcionamento e produzindo elogiáveis serviços, as Ligas de COMBATE A SIFILIS, de COMBATE A TUBERCULOSE, de COMBATE AO CANCER, enumeração essa apenas exemplificativa.

Sômente para oferecer uma noção do que é uma LIGA, como funciona que produz, esboçaremos em breves traços, de COMBATE A SIFILIS.

Fundada e mantida há mais de três décadas, pela cooperação inquebrantável dos acadêmicos de Medicina, da F. M. U. S. P., através do seu CENTRO ACADEMICO OSWALDO CRUZ, já tratou essa LIGA de mais de 40.000 doentes, consoante as aquisições sempre atualizadas da Terapêutica Antilúética, assistidos por eméritos professores da Faculdade de Medicina.

Funciona em dois postos, sendo um anexo à SANTA CASA DE MISERICORDIA, atendendo aos domingos, outro à Rua General Jardim, n. 240, diariamente, no período da tarde.

Recebem estes POSTOS para tratamento profilaxia da Sífilis, doentes enviados por todos os estabelecimentos de assistência médica gratuita da capital.

Devido ao seu caráter filantropico, poder-se-ia pensar que seja demasiado onerosa essa Liga ao C. A. O. C.; todavia isso não ocorre porquanto os encarregados do

serviço percebem ordenados, que se não fossem simbólicos, seriam irrisórios, pois quem mais recebe é Secretária, isto é, Cr\$ 350,00.

A dotação provinda do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz é auferida do Baile dos Calouros, da Noite de Maio dos fundos sociais, com o que se consegue arcar com a despesa de Pessoal, Material Alugueres.

Finalizando a análise desta Liga, asseveramos que a extensão dos serviços prestados por ela é da mesma magnitude que os desenvolvidos pelos dispensários do Serviço Sanitário do Estado. Basta atentar que no quinquênio — 1931-35 — foram matriculados 5.966 (cinco mil novecentos sessenta e seis) doentes, na Liga de Combate à Sífilis, o que representa a respeitável porcentagem de 62%, relativamente ao serviço oficial, no mesmo prazo. É bem verdade que Liga recebe subsídios do governo assim como de alguns laboratórios, que assim prestigiam moral financeiramente essa entidade acadêmica, concorrendo para sua projeção crédito público.

Afora as Ligas, colabora o C. A. Oswaldo Cruz na Semana Paulista de Saúde, com caravanas para a hinterlandia, promovendo palestras divulgatórias, etc. Participa das campanhas oficiais ou particulares como sucede, *verbi gratia*, com a ASSOCIAÇÃO PAULISTA CONTRA O CANCER, realizando passeatas e angariando donativos. Organiza cursos de extensão universitária, cuja multiplicidade notoriedade dispensam comentários.

Inútil é lembrar ao leitor avisado o enorme volume de trabalhos prestados nos hospitais de ensino, como o HOSPITAL DAS CLÍNICAS, principalmente, na CASA MATERNAL, nas AMBULANCIAS, nos postos de PRONTO SOCORRO.

Se por um lado o estudante aufere vantagens reais, embora não materiais, com sua ação médico-social, extensa e intensa, como vimos, na confecção de seu cabedal profissional, não é menos verdade que

oferece ao povo sofredor, que a ele cotidianamente recorre, acervo incomensurável de trabalhos de sua alçada, decalcado e inspirado, também, nos mais nobres sentimentos humanitários de sua alma moça.

Finalizando nossa digressão, invocamos, com a veemência de nossa sinceridade, os melhores augúrios a estes empreendimentos, que caracterizam e enobrecem os estudantes de Medicina.

Clamamos também para que haja maior interesse por parte daqueles que se acham presentemente à testa do governo, para que obstáculos não sejam colocados à atividade acadêmica, assim como para que real apoio lhes seja dado, a fim de que possam continuar em sua profícua e encomiástica ação social, que antes de mais nada significa PATRIOTISMO.

SÔBRE A CARREIRA MÉDICA

Em inquérito feito por nós, neste ano, em todos os cursos preparatórios para os vestibulares à nossa Escola, colecionamos, a respeito da carreira médica, uma série de respostas que nos permitem tirar certas conclusões, se bem que levando em conta as falhas desse inquérito. Para tanto procuramos reduzir ao mínimo o número de perguntas necessárias à esta averiguação.

A nosso ver foram elas as mais indicadas para um trabalho como esse; dada porém a nossa pequena experiência não duvidamos que outras perguntas poderiam ter dado ao nosso inquérito, melhor resultado.

Preferimos pedir as respostas imediatamente à entrega dos inquéritos para evitar que influências internas ou externas interferissem na imaginação do indivíduo. Por outro lado, consideramos as inconveniências deste método e principalmente a dificuldade de expressão do pensamento que em geral se nota em nossos meios. Sendo estas as condições gerais a todos aqueles que responderam ao inquérito, julgamos poder tirar a média das opiniões daqueles que escolheram a carreira médica para a sua vida.

As perguntas feitas foram:

1.º) — O que levou à escolher a carreira médica?

2.º) — Você recebeu orientação influêcia, ou pressão, por ocasião da escolha?

3.º) — O que você entende por vocação?

Constatamos assim, estatisticamente, que dos estudantes que saem do Colégio e pretendem ingressar na Faculdade de Medicina: 45% falam em abnegação, dedicação aos semelhantes, sentido de humanidade, ideal, etc.

Se há confusão entre Caridade e justiça, sentimentalismo ou o que for, é o que poderemos discutir ou mesmo observar na prática... 22% justificam as próprias «tendências» às matérias exigidas no vestibular; 13% apenas subordinam sua escolha ao problema social do Brasil, citando frases célebres: O Brasil é um vasto hospital, etc., etc. Finalmente outros 20% responderam confusamente alegando dificuldade de expressão. Seria o caso de no final desta leitura fazer a pergunta: Haverá sinceridade nisso?

No entanto uma coisa é certa: não se obteve quase de um modo absoluto, menção ao ponto de vista social no que ele apresenta de profundo que é a harmonia e dedicação espontânea e livre do trabalho individual pela comunidade. O que prova que a Medicina é escolhida como qualquer profissão destinada a melhorar as próprias condições de vida do indivíduo exclusivamente.

Sem nos estendermos com mais comentários, apresentamos aos colegas uma simples constatação de fatos. E o julgamento cada um o fará por si.

GAZOC

A REFORMA DO ENSINO MÉDICO

Vocês devem estar lembrados de que durante o mês de setembro foi distribuído a todos os colegas de todas as turmas, um folheto que pretendia esboçar a situação dos programas do nosso curso, tendo anexo um inquérito a ser respondido.

Aqueles que conseguiram ler todo o artigo até o fim, puderam constatar que foram citados apenas alguns exemplos das falhas notadas (e apenas das falhas), pois é isto que deve ser apontado agora em que se propõe a orientar da melhor maneira possível o currículo médico da nossa Escola.

Pois bem, apesar da distribuição feita pessoalmente e considerando a possibilidade de não terem alguns dos nossos colegas recebido o folheto fizemos mais uma vez a constatação desoladora de que os alunos da nossa Faculdade Padrão A não se interessam por nada que ultrapasse os assuntos fornecidos pelos cursos do D. C., ainda que sejam eles de interesse direto na sua formação médica.

O estudante universitário brasileiro já se acostumou a receber tudo pronto, «craneado», estabelecido, sem contribuir com o seu raciocínio, sua opinião, enfim, seu entusiasmo jovem e realizador.

Se somos nós que sentimos as dificuldades, que sabemos citá-las e criticá-las nos corredores a «altas» vozes, na fila do almôço, quem terá o conhecimento delas, se nós permanecemos estáticos a ver e não agir?

Se nós não temos competência para organizar programas e discernir a melhor distribuição das cadeiras do nosso curso, não será também possível que muitos dos nossos dirigentes não percebam as nossas dificuldades?

Todos nós conhecemos no Curso, professores que entendem e percebem a nossa situação. Porque não chegar a eles para esclarecimentos, para uma conversa mais direta, amigável? Teríamos então em confronto com as diversas opiniões, uma visão do que é realmente importante para a nossa formação médica. Depois seria apenas necessário a nossa união para a constituição de uma força. Foi acreditando na possibilidade dessa força, que nos lembramos de organizar o inquérito.

Apesar de não serem satisfatórios os resultados pudemos chegar a alguma conclusão.

As respostas do primeiro ano foram unânimes em apontar a falta de coordenação das matérias do primeiro ano; a falha apresentada pela ausência do conhecimento da Histologia durante o estudo da Anatomia. Apenas uma pequena minoria se mostrou satisfeita com o prolongamento do curso de Anatomia.

Do segundo ano, as respostas apontaram a necessidade de uma reforma do método de ensino da cadeira de Fisiologia. Foram apresentadas dificuldades ainda, no estudo da Topografia no que diz respeito à conciliação do tratado do TESTUT com a apostila indicada.

Enfim, como vocês podem perceber, evidentemente, as respostas recebidas só se referiam ao curso básico. Os colegas mais adiantados e mais experimentados silenciaram as suas críticas.

Como conclusão dessa primeira parte do trabalho foi organizada uma comissão dos colegas mais interessados (dois elementos de cada turma) para a elaboração de um plano de ação nesse sentido.

A finalidade dessa comissão será principalmente a de manter os colegas a par das resoluções tomadas nas reuniões dos professores que estão tratando do assunto. E assim também levar a eles as nossas impressões e possíveis sugestões.

Foram ouvidos já vários professores, cujas opiniões e sugestões serão publicadas a seguir pela comissão. Esta, que já se reuniu e que espera a colaboração de todos está, por hora, assim constituída:

- 1º ano: Willi — Terezinha.
- 2º ano: Danilo — Gaiotto.
- 3º ano: Albertina — Arnaldo.
- 4º ano: Júlio — Marly.
- 5º ano: Oscar.
- 6º ano: Maria Odete.

Exame prático de higiene

Pergunta — Um homem tem fome. Compra bananas e as come. Joga as cascas ao chão. Pisa em uma das cascas, escorrega, cai, bate cabeça na quina da guia, fratura a base do crânio morre. Qual causa-morte?

Resposta — FOME!

Verso e prosa na Faculdade

SE...

Se no meu peito ferido
 Há um intenso palpitar,
 E' por um amor perdido
 Que não me soube encontrar.

Se nos meus olhos sentida
 Uma lágrima rolar,
 E' por uma seta partida
 Que se perdeu pelo ar.

Se de meus lábios gemido
 De um nome se escoar,
 E' maldição a Cupido
 Que já não sabe atirar.

Se nesse feitio fui crescida
 Não posso ninguém culpar.
 E' de meu jeito, inibida,
 Querer, sentir... calar.

Ivone

Recordações de um plantão de cirurgia

MIASE

A Ondina, com toda a admiração de seu colega de plantão

José Velensck

Meceis pricizava vê. O véio não entrou; trouxero ele coitado.

De cabelo branco, de roupa suja, todo enco'hido, gemendo fedendo que dava nojo! Ah! dava mesmo.

Ninguém sabia dizê como nem praquê, mas o véio foi trazido nas macz pra sala das sutura, e aí todo mundo veio a sabê que ele tinha um bruto buraco nas nuca.

Como? Foi tiro? Machadada? Qual o que — aquilo era só biche-ro.

E daí num se tinha só nojo dele. Era também pena e pena das grande, era de fazê chorá de dó. Um bicho deste tamanho!? Num era pussive, num era pussive!

Mais era! Veio o chefe e disse: isto é miase!

Que bruta nome esquisito. Num é atoa que coisa era tão feia. Pude-ra cum um nome desse.

Alguns dos pessoá duvidaro, mais quando tacaro no véio umas injeção: nossa mãe, que barbaridade! os bicho começaro a aparecê e a dançá que nem doido.

E a colega Ondina — só por isto já está reservado prá ela um lugá no céu — vestiu as luva, pegou nas pinça e garrou a tirá os bicho.

Puxa vida, puxa vida, quanto mais tirava, mais bicho tinha. Era um nunca acabá de tanto bicho. Grandes, pequenos, tinha de todos os tamanho, branquinhos branquinhos, que nem bicho de goiaba...

E os bicho se remexia todo. (Ai, só de pensá me dá cocera). Nem era pussive maginá como se podia suportá tanto bicho nas nuca.

E o véio gimia e a Ondina conta-va: 53, 54, 55...

Todo mundo vinha oiá. Veio o Cabrá — eta négo bão — umas hora vestiu as luva e tacou catá os bicho também.

E o véio gimia e a Ondina conta-va: 528, 529, 530, 531... era um nunca mais acabá.

Veio o Carri, veio o Candelari, veio o Sadi, veio Batiste, veio o Rigi, veio todo o mundo e todo mundo dava uma oiadela, tapava o nariz e dizia: coitado, num é pussive!

E o véio gimia, — tacaro éte, mer-tio'ate — a Ondina contava: 705, 706, 707...

Até que uma hora lá — e já fazia várias hora que a Ondina «contava» — resolvero suspêndê a catação e tapá os buraco do véio. Mais era um buraco deste tamanho!

.....

Nóis saimo da sala pensano cum nossos botão: agora nós sabe tratá miise, mais que céu num primita que nus apareça um caso ansim

PAZ...

José Velensck ("Fragmentos")

...Dizem que a vida as relações entre os homens melhoraram e tendem a melhorar. Dizem que homem era bárbaro hoje é civilizado. Dizem que homem se guiava pelo instinto e hoje se guia pela razão.

Pura mentira! Pura ilusão!

As relações entre os homens nunca foram, não são jamais serão diferentes. Nunca foram, não são e jamais serão melhores. Nunca foram, não são e jamais serão de bem.

O homem continua a se guiar pelo instinto, apenas que agora, aiaido ao instinto usa razão, a astúcia, mascara o instinto vestindo-o com trajes de razão.

As relações entre os animais continuam as mesmas, assim como as relações entre os homens dos homens com os animais. As raposas continuam matando os cordeiros; os leões continuam matando as corças; e os homens, estes continuam matando os homens e os animais. Aqueles no entanto só quando tem fome...

Dizem que as relações entre os homens tendem a melhorar...

Pura mentira! Pura ilusão!

O mundo hoje se acha dividido em três «blocos»: dois que se denominaram a si mesmos de ocidental e oriental, embora sem limites geográficos nítidos, um terceiro que não constitui um bloco verdadeiramente e que compreende todas as nações consideradas «neutras».

Cada um dos dois primeiros blocos tenta por todos os meios, «diplomáticamente», ou pela força, atrair e arremeter para si as nações «neutras».

E cada um deles está organizando exércitos com efetivos militares em homens armas, que ultrapassam as raias do concebível, «para garantir a paz».

E espetáculo se aproxima de seu clímax...

E dizem que as relações entre os homens melhoraram tendem a melhorar...

SI EU TE DISSESSE

«Si eu te dissesse... — Foi talvez mentira!
Si eu te dissesse... Tu talvez dissesse...»
Castro Alves

Si eu te dissesse que rompendo os ares
Meu pensamento vai, sem suspeitares,
Roubar-te a luz ideal dos teus olhares,
E perseguir-te à sombra dos altares;

Si eu te dissesse que minh'a'ma altiva
Vagueou confusa, de tua graça aos mimos,
E enfim da tua aos pés rolou cativa,
Enobrecida e pura e comovida;

Si eu te dissesse que, fugindo às maguas,
Meu coração por ti delira, e implora
Que as gotas suas sêjam as ternas águas
Que te refresquem rosto e mãos e lábios;

Que o meu refugio é a cova do teu rosto,
O meu prazer — amar-te... e a gloria —ver-te;
E o teu sorriso a flor que o céu há posto
Mais meiga e terna e linda sobre a terra;

Si eu te dissesse que meu beijo casto
Roucou de leve por teus lábios puros,
E renasceu-se ao peito meu já gasto
O amor da vida e do teu céu a crença;

E orei contigo por te crer na terra
Uma expressão divina da obra eterna
— Que a divindade em tua alma toda encerra
O bem supremo e a paz e a crença terna;

Si eu te dissesse que te amando eu sinto
Meu coração cismar na paz de tudo,
E grato, enfim, fugindo-se ao recinto,
Agradecer ao céu por existires;

Si eu te dissesse que tu és a fonte
Vital e imperecível da esperança
Que possa eu ter na vida que desponte
Do que eu disser de belo e puro e eterno!

Si eu te dissesse o quanto te amo e quero
E dor que sinto por não me escutares,
E que jamais amor igual, sincero,
Terás por ti, como este que te oferto;

Si o que não vês e tudo eu te dissesse;
Si eu te dissesse tudo o que pudesse,
Que é mentira... si tudo eu te dissesse...
Que é mentira... talvez tu não dissesse!...

SYDNEY DE MORAES RÊGO

SOBRE LITERATOS

DA VANTAGEM DE SER CHARLATÃO — Axel Munthe, mundialmente famoso por seu livro «O livro de San Michele», era também médico profissional. E como médico, tinha conceitos não muito abonadores sobre nossa medicina. Considerava-a verdadeiro ofício de charlatão. E ele mesmo afirma que guiado por tais princípios inventou muitas moléstias para enganar sua clientela. Basta dizer que saiu-se muito bem. Nem Imperador D. Pedro II, quando esteve em Paris escapou das charlatanices médicas de Axel Munthe.

PARADOXOS — George Bernard Shaw, o grande dramaturgo inglês teve durante toda sua existência, ogeriza a três coisas: — religião, médicos e mulheres. Nutria forte odio ao sexo fragil, detestava os esculapios, era descrente em Deus. Mas, há paradoxos que nunca conseguimos decifrar. Assim é que Shaw foi assistido no leito de morte por um sacerdote, um médico e uma enfermeira...

UMA DUM CRITICO LITERARIO — Depois de ler um novo romance, um critico não teve duvida em afirmar: — Todo soldado ao ir para o campo de batalha deveria levar este livro sobre o coração. Não há bala que passe do primeiro capítulo.

LAPSOS FAMOSOS — Também os grandes mestres da literatura mundial cometem cochilos. E são tantos que seria um sem numero se os fossemos enumerar.. Bas-

ta alguns. Assim o genial Shakespeare fêz soar em sua tragédia «Julio Cesar» um relógio de pêndulo, muitos séculos antes de tal aparelho ter aparecido em Roma.

Daniel Defoe em seu célebre livro «Robinson Crusoe», nos mostra o personagem se atirando ao mar, despido logo mais, enchendo os bolsos com bolachas que recolhera do navio naufragado.

No romance «Lourdes», Emile Zola escreve que «os surdos e os mudos recobravam o ouvido e a vista». Charles Dickens numa de suas obras de ficção nos faz surgir a lua do ocidente.

Dentre tantos cochilos, talvez aqueles que tenham brilhado neste campo, tenham sido os assim chamados escritores de «capa e espada», da nomeada dum Xavier de Montepin, Emile de Richebourg, Ponson du Terrail, etc. Autores dum tipo de romance que naquela época tinha um sem-numero de apreciadores, na ânsia duma maior quantidade de escritores, portanto maiores quantias embolsadas, cometeram verdadeiros desatinos literarios. Para isso basta citar Ponson du Terrail que descreve um personagem que «passeava pelas paredes», Xavier de Montepin descrevendo uma figura dum de seus célebres livros que andava pelo jardim «com as mãos nas costas lendo um jornal».

E basta.

Emegé.

O NAMORADO MEDICO

IVONE.

Ao longe o mar gorgolejante, excitado e cianotico, enviava suas ondas em peristaltismos incessantes que se rompiam na praia.

O mormaço quente inquietava os adiposos.

A noite estava febril. Na Avenida havia parada de transito.

A empregada da vizinha junto da árvore de troncos valgus conversava coreicamente com a amiga que parecia ter discinesia da lingua.

O gato no muro era tipico o esquizofrenico desconfiado; ao pé dele um cão latia em ritmo de 3 tempos.

Folhas biliosas faziam contraste com as rosas hemorragicas sobre as quais escotomeavam cigarras que me faziam com ouvidos de hipertenso.

A lua estava em glomerulo nefrite sub-aguda. O preto do céu tinha uma erupção de fostenas estreliformes. A luz anemica da lua penetrava pelos ramos bronquiformes das árvores que sombreavam os bancos onde os namorados diplococamente divagavam:

Olhou-a profundamente nos olhos, muito abertos para ele, percebendo neles amor, isocoria, isocromia e exoftalmo. Depois abaixou a vista para admirar-la no conjunto: elegante, paniculo adiposo regularmente distribuido e pouco desenvolvido. No pescoço alvo, dois lobos tireoideanos distendiam levemente a pele lisa, que duas fileiras de perolas procuravam encobrir. Havia batimentos vasculares visiveis.

Ele tomou suas mãos de pele fria e umida e apertou afetuosamente as extremidades tremulas.

Meu bem — disse ele, e ela levantou os olhos cercados por olheiras que denotavam noites mal dormidas, e esperou ansiosamente...

— A principio hesitei em dizer-lhe, mas agora, agora que tenho certeza é preciso confessar-lhe para que então se decida: meu bem, você tem bocio hiperfuncionante.

Charada do mês

Os dias sem aula, não sendo daqui, são os dias do ciclo sexual das femeas. 3 e 3. Conceito: Obstetria.

(Facilitação: «Na aula de hoje vamos estudar, estudar, os casos de prenheses múltiplas, prenheses múltiplas, prenheses múltiplas...»)

(Resposta na 9.a página)

SAUDADES DE VOCÊ

Sinto uma saudade imensa de você.

E é tão grande esta saudade, na verdade, que não sei o que fazer.

Sinto uma saudade imensa de você.

E quanto mais penso, mais desejo tenho de a ver.

E é tão grande este desejo, este anseio, que loucuras tenho medo de fazer.

Sinto uma saudade imensa de você.

E é tão grande, mas tão grande esta saudade que eu sinto de você. Que em verdade, em verdade, sem você eu não posso mais viver.

José Velensck

GALERIA DOS DIRETORES DE "O BISTURÍ"

WALTER BELDA

Diretor de «O Bisturi» em 1948 e em 1950



Walter Belda

Por várias vezes diretor redator de «O Bisturi» é um dos alunos da Faculdade que mais se preocupa com os problemas estudantis e universitários.

É o fundador da União Estadual dos Estudantes e em 1951 foi o Representante dos alunos no Conselho Universitário.

Por várias vezes foi membro da bancada do CAOC nos Congressos universitários paulistas e nacionais.

Foi presidente do Centro Acadêmico «Oswaldo Cruz» em 1951.

ALVARO DE ALMEIDA MAGALHAES
Diretor de «O Bisturi» em 1951



Alvaro Magalhães

Dinâmico diretor de «O Bisturi» no ano passado, conseguiu para o mesmo uma verba por número do laboratório «Vicente Amato Sobrinho», diminuindo assim de muito as despesas do CAOC.

Fez parte da bancada do CAOC, por diversas vezes, em congressos universitários paulistas e nacionais.

Diretor de fibra e personalidade impar elevou «O Bisturi», elevando assim o nome do Centro Acadêmico «Oswaldo Cruz».

FORMATURA DE 1952

Paraninfo:

PROF. ANTONIO DE PAULA SANTOS

Homenageados:

- Prof. Cyro de Barros Rezende
- Prof. Samuel B. Pessoa
- Prof. Carmo Lordy
- Prof. Luiz V. Décourt
- Dr. Helio Lourenço de Oliveira
- Dr. Euryclides de Jesus Zerbini
- Dr. Carlos da Silva Lacaz
- Dr. Seraphim Martins
- Dr. Luiz Marino Bechelli
- Dr. Alberto Caputo
- Dr. Pericles Maciel

Orador da turma:

Walter Belda

DOCTORANDOS

- Afonso Luiz Ferreira
- Albrecht Henel
- Alceu Moreira Leite
- Almir Ferreira
- Alvaro E. de Almeida Magalhães
- Amadeu Manias Junior
- Americo Paulo Morgante
- Antonio Augusto Arantes
- Antonio Pedro Mirra
- Antonio da Silva Coelho Netto
- Arnaldo Cerulli
- Arnaldo de Godoy
- Ary Walter Schmid
- Ascêncio Garcia Lopes
- Aurelio Borelli
- Bernardo Nelson Barretti
- Cacilda Cuba dos Santos
- Carlos Marques Patricio
- Carmen Narvaes
- Cassio Ravaglia
- Cesar Finzatti
- Claudio Tácito Macedo de Escobar
- Clayton de Angelis
- Delmo Luiz Altério
- Dorina Barbieri
- Eldizia Zelmiede Baccaglioni
- Enrico Luigi Salvatore Capuani
- Fernando Ferreira Machado
- Fidel Bittar
- Francisco Fernando de Assumpção
- Fu'vio José Carlos Pileggi
- Gedale Zuquim
- Gilberto Penteado
- Glécio Jesus Alves de Oliveira
- Haim Grünspum
- Harry Shibata
- Helena Alba Pinho de Castro Silva
- Hello Spinola Costa
- Henrique Marques de Carvalho
- Heth Almeida Barros
- Hideo Takita
- Hirdivay Batista
- Horacio de Souza Coutinho Filho
- Irany Novah Moraes

- Isaac Rapoport
- João Baldomiro Batistic
- João Teixeira Pinto
- José Antonio Damiano Casella
- José Perrone Santos
- José Rodrigues Louzã
- Julio Nunes de Abreu
- Julio Pereira Gomes
- Justiniano Aleixo Silva
- Lisias Cerqueira do Amaral
- Marcello de Paula Santos
- Maria José Cassab
- Maria Odette Ribeiro Leite
- Marialda Hofling de Paula Dias
- Mariano Augusto Stella
- Marinonio Ferreira
- Mario da Costa Galvão Filho
- Nalf Aiev
- Nelson do Amaral
- Nelson de Carvalho Seixas
- Neulis Pedroso Brigagão
- Oswaldo Mauricio Garcia
- Paulo Eduardo de Mello
- Paulo Zuppo
- Pier Luigi Castelfranchi
- Placido Ettore Morelato
- Raphael Caccese
- Raphael Treiger
- Raymundo Martins Castro
- Renato Riggi
- Roberto Vignola
- Rubens Lisandro Nicoletti
- Rubens Marcondes Pereira
- Rubens Santos Alves
- Ruy de Paula Dias
- Sebastião Gabriel Sayago de Laet
- Sergio Bento Corradi
- Sergio de Paula Santos
- Stella Pacheco Cerdeira
- Sydney Ferreira de Moraes Rego
- Urio Mariani
- Victor Nussenzeiwig
- Walter Belda

Diretoria do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" para 1953

Presidente:

Tharcilio Toledo Filho

Vice-Presidente:

João Pagenotto

1º Secretário:

Joamel Bruno de Mello

2º Secretário:

Adelôncio Faria de Santana

1º Tesoureiro:

Enio O. dos Santos

2º Tesoureiro:

Mario Cinelli Junior

1º Orador:

Lauro Roberto Fogaça

2º Orador:

Wilhelm Kenzler

Diretoria do Departamento Científico

Presidente:

Ruben Pimenta da Silva

Secretário Geral:

José Lauro Araujo Ramos

Secretário:

Fernando Ruas dos Santos

Diretoria de A. A. A. O. C.

Presidente:

Luiz Baccalá

Secretário:

Walderez M. Rodrigues

Tesoureiro:

Alfredo Stavale Sobrinho

Presidente do Departamento Feminino

Norma Wollner

Liga de Combate à Tuberculose

Através desta secção, vimos agradecer à Divisão do Interior da Secretaria de Saúde e Assistência Social o apoio que nos deu na realização das caravanas científicas, que percorriam o Estado de S. Paulo, em julho deste ano, divulgando princípios de profilaxia das principais moléstias infecto-contagiosas, bem como Cancer e Nutrição.

Outrossim, agradecemos a todos os prefeitos, das cidades do Interior visitadas por nós, magnífica acolhida o apoio irrisolto.

Notícias que há pouco tempo atrás circularam pelo Pronto Socorro

1. As camas dos Srs. Assistentes que dão plantão no P. S. foram, por ordem superior, desmontadas.

Espera-se (até hoje) que no lugar das camas sejam colocadas poltronas estofadas, com banquinho estofado para os pés, rádio, rádio-vitrolas com discoteca clássica popular, televisão. O pedido já se acha encaminhado à devida instância.

2. Aviso aos assistentes: Aqueles que ainda não receberam suas quotas de Pervitin queiram procurá-las na farmácia do hospital, pois o estoque se está esgotando rapidamente.

Senador Dr. Cezar de Lacerda Vergueiro



O Centro Acadêmico «Oswaldo Cruz», cumpre o dever de prestar seu preito de amizade e gratidão ao eminente Senador da República, S. Excia. Dr. Cezar de Lacerda Vergueiro, por ter gentilmente propiciado, em 1951, a concretização de verba destinada às instituições filantrópicas e médico-sociais mantidas por esse Centro.

PALPITE

É comum em nós o desejo de fazer coisas impressionantes. O Brasil parece ser o país das fachadas. No Rio há edifícios publicos monumentais, e sabemos como funcionam. Volta e meia surgem projetos de salvação nacional e sabemos como terminam. Fazem-se restrições a determinadas importações para economia e o país se enche de automoveis de luxo.

Parece que em São Paulo, seguimos também o caminho do impressionar.

Quando se pensa em fazer algo, já se lhe junta ideia de fazer o maior «algo» do mundo.

Com isso muitas vezes foge-se das finalidades. Não é mais ou menos isto o que acontece em nossa Universidade?

E em nossa Faculdade não há algo semelhante?

O conjunto de estabelecimentos de pesquisas hospitalares que constituem a Faculdade, tem como finalidade máxima o ensino.

O Hospital das Clinicas é uma dependencia da Faculdade de Medicina. Porquê? Para a realização dum programa de ensino mais eficiente. Assim serão os hospitais que estão se completando.

Mas a paixão pelas obras majestosas também aí está presente. E o tamanho está prejudicando a eficiência.

Se fossem obras mais modestas, Hospital de Ortopedia, de Psiquiatria, a Maternidade, já não poderiam estar concluidos? O exemplo do H. C. deveria ser aproveitado. Não pode H. C. fugir de sua finalidade primeira que é o ensino. Não foi ele construido para resolver o problema hospitalar do Estado. No entanto seu movimento superou de muito que seria razoavel e já estamos vendo a consequência desse estado. Não há funcionários subalternos. Dia virá em que será apenas um hospital com médicos. Tempo houve em que havia uma maquina em funcionamento perfeito.

Hoje ordenado do funcionario é insuficiente. Não falamos no dos medicos, porque não existe. Ganhando pouco, pouco produz e se torna instavel.

Resultado logico, aos poucos as secretarias se povoam e as enfermarias se ressentem do vazio de enfermeiras, atendentes, etc.

Em breve veremos o mesmo com os novos Hospitais em construção. Haverá funcionarios com conhecimentos necessários para manterem um ritmo de trabalho normal, quando todos os leitos da Ortopedia estiverem ocupados? Haverá funcionarios para um trabalho dentro dos limites do razoavel para todos os leitos da Psiquiatria?

Quando observamos que no Hospital das Clinicas, com varios anos de funcionamento, treinando pessoal tecnico há já varios anos, se ressentem cada vez mais de funcionarios de base mesmo de material, e vemos que a tendência é aumentar numericamente a produção, sentimos perto um desequilibrio. A assistência medica, o ensino serão fatalmente atingidos. E estes mesmos problemas nascerão nos outros Hospitais.

O importante são Hospitais para ensino pesquisa. Não cabe à Faculdade de Medicina resolver o problema Médico-Social do Estado, ou do Brasil. Embora tal ideia se revista de aspectos demagogicamente bellos impressionantes. Melhor seria que se fizessem estabelecimentos menores, para em menor tempo poderem estar funcionando. Estabelecimentos mais modestos, onde o numero de funcionarios e o material a ser gasto não se tornasse mais tarde um impecilho ao seu normal funcionamento. Parece-nos que assim lucrariam os doentes e lucrariam os estudantes. Parece-nos que este é caminho certo, num país onde a característica principal é pobreza, principalmente dentro dos limites do campo do ensino a que se propôs Faculdade de Medicina. W. B.

LIVRARIA ATHENEU LTDA.

LIVROS DE MEDICINA

HOSPITAL DAS CLINICAS

Av. Dr. Ademar de Barros, 476

4.º andar — Tel. 8-2161 R. 99 — S. PAULO

Sem querer fazer demagogia, é evidente que nem tudo está certo no Brasil de nossos dias. Nada de novo até ai; todos nós estamos a par de certos fatos pouco agradáveis, observamos e constatamos, gesticulamos e discursamos, damos de ombros num gesto de resignação, abrimos as mãos para significar nossa impotência, indicamos as medidas que o governo deveria tomar se este governo fosse... os progressos realizados caso fosse mais conciente o cidadão, mais idealista o jovem, outros os tempos. Desabafamos dest'arte a nossa revolta, aliviada a conciencia, entregamo-nos em seguida a assuntos menos «mórbidos», menos «utópicos». Não se pode dar murro em ponta de faca, pois não?! Mais facil dar de ombros, reconhecer o impossível esperar que a fada nos conduza tempos melhores, não é, cidadão?!

Oposta a esta atitude corriqueira, realista, existe ingenuidade, a ingenua esperança de dias melhores à custa de nossos próprios esforços. Esta é a crença que abraçamos; acreditamos que a civilização seja plástica, que o governo é o denominador comum dos individuos que compõem um país, que o esforço INDIVIDUAL também pode tornar-se util (mesmo que seja somente para levantar uma questão), acreditamos que também os minúsculos esforços de que você e eu somos capazes terão seu minúsculo resultado, temos a certeza que toda a palavra encontrará o seu eco, todo o gesto será repetido — mais cedo ou mais tarde. Se conseguirmos encontrar número suficiente de otimistas, ingenuamente dispostos a dar murro em ponta de faca, não há lâmina que lhes resista. Não há que confiar em governo, esperar que se esboce algum movimento das massas — que importa em ultima análise é a boa vontade e o esforço do individuo no seu singular...

Entre outros problemas de maior ou menor monta encontra-se o problema do cardíaco inassimilado no meio, uma questão para nós bem acessível uma vez que diariamente nos é dado conhecer exemplos da extensão deste problema. Obtém internação em uma de nossas clinicas médicas um cardíaco descompensado, via de regra lavrador, ajudante de caminhão ou carregador, mecanico ou carpinteiro, após os mais extremados cuidados que lhe pode oferecer a ciencia medica, tem alta, a classe médica deste momento em diante dando a entender que absolutamente não é de sua alçada interessar-se pelo êxito futuro do ex-caso clinico. Não é grande, pois, nossa surpresa ao revermos o nosso paciente poucos meses depois novamente bater às portas do hospital, novamente em insuficiencia cardíaca, mais avançada agora. Não nos surpreende, repetimos, pois outra coisa não era possível esperar... O primeiro caso desta natureza por nós

Reabilitação dos Cardíacos

Uma explicação e um apêlo

KURT KLOETZEL

observado serviu para nos alertar sobre a gravidade da situação, exemplos posteriores reforçando a nossa urgencia de emprender esforços para auxiliar o cardíaco que, com prognosticos favoráveis ou pelo menos toleráveis, é obrigado a recorrer ao trabalho braçal como meio de vida.

«Mas isto já é problema à parte e não compete a nós» será a resposta quase unanime, pois não?!... Peço licença para discordar: não só nos compete diretamente, mas é obrigação, tão valiosa como a terapeutica bem conduzida, mais importante talvez que discussões clinicas, apresentações de casos e outros atributos de nosso ensino médico. Por mais triste e desolador que isto pareça: a sociedade não é susceptível a frias considerações científicas e, não ser que consigamos especular para um pouco além da porta de saída do hospital, prevenir o paciente com conselhos uteis exequíveis, interessar-nos um pouco pelo seu destino ulterior e, num estupro brutal de nosso comodismo, gastar as horas suficientes e necessarias para encontrar-lhe emprego adequado às suas capacidades físicas, a não ser que compreendamos a necessidade de fazer alguma coisa a mais que o minimo de nós esperado, não passará de inocuo passatempo toda nossa medicina.

Um grupo de estudantes de nossa Faculdade resolveu tentar a readaptação destes individuos. Decidiu chamar este movimento de «Serviço de Reabilitação» e filia-lo ao Departamento de Medicina Social do C.A.O.C.. Após dois meses de experiencias em pequena escala resolvemos dar um cunho oficial à nossa iniciativa, uma vez que é necessario nome e sede para angariar fundos, solicitar empregos, conquistar confiança e adesões. O escopo imediato do Serviço de Readaptação é servir ao cardíaco internado no H. C., por mais que nos seja penosa a decisão auxiliando de inicio somente o individuo julgado apto pelo médico que lhe dispensa tratamento. Este individuo será submetido à um «test» profissional (para o qual contamos com o equipamento e boa vontade de um órgão oficial da industria), será treinado para a profissão que mais se prestar ao seu caso, acompanhando-se seu estado de saúde afim de evitar relapsos, uma vez reintegrado à vida pratica. Um dos maiores problemas neste periodo de transição entre hospital e profissão é o de encontrar abrigo para o paciente; caso este não dispuser de meios para se manter será obrigação de nosso serviço proporcionar-lhe rou-

pa, alimento e moradia até que esteja definitivamente reintegrado.

Isto quanto à nossa finalidade imediata. Sem duvida alguma as atribuições do nosso serviço se alterarão com o passar dos tempos, aprenderemos como evitar certos erros até agora cometidos e teremos uma atividade cada vez mais ampla e eficiente. Certamente contaremos com alguns fracassos; os pacientes pensarão que lhes oferecemos uma sinecura, os empregadores que lhes solicitamos caridade, os médicos relutarão em confiar na atividade de méros estudantes inexperientes, num campo onde outros já falharam — faltará tempo, dinheiro e colaboradores. E é por este motivo que deveremos crescer lenta e cuidadosamente, caso contrario maiores seriam os danos que os beneficios. Temos de aprender a avaliar um prognostico, julgar qual o individuo que melhor se presta à readaptação, temos de captar confiança da industria — quem sabe? — até dos poderes publicos. E, antes de mais nada, temos de encontrar quem nos queira auxiliar ativamente, individuos pacientes e compreensivos que não fiquem desencorajados com a ausência de cartaz e se resignem a resolver um problema limitado com meios limitados. Uma palavra de cautela: não resolveremos em um ano o problema do cardíaco no Brasil; contentar-nos-emos em resolver de inicio um dos mil aspectos somente do enorme problema. Tudo que queremos por enquanto é um ingenuo murriho em ponta de faca.

Já fizemos alguma coisa: temos sob observação um certo numero de pacientes atualmente internados, contamos com vagas à espera de alguns, angariamos fundos, temos um sindicato com cujo apoio irrestrito podemos contar, conquistamos a boa vontade de muita gente. Esta boa vontade será posta à prova nos proximos meses; todos que conosco falaram prometeram o seu «apoio moral e material», proclamaram a sua «admiração», frizaram a sua «solidariedade» e efusivamente nos apertaram mão. Seria irresponsabilidade de nossa parte encarregarmo-nos de duzentos pacientes antes de saber com que fração destes bonitos sentimentos poderemos contar. E isto traz à baila a sua figura, amigo; este artigo foi escrito com o intuito de explicar a função do nosso Serviço de Readaptação, para lhe mostrar destino de seus dez cruzeiros (ou vinte, si fôr sua a ventura de ser médico) de contribuição mensal, pedir que nos recomende ao conhecimento de emprego vago, acima de tudo, para lhe mostrar que é possível nos auxiliar ativamente.

Cada um dos cardíacos sob nossa tutela terá de ser visitado pelo menos cada duas semanas, para que se possa acompanhar de perto o seu estado de saúde e a eficiencia de seu trabalho. Admitindo como hipotese que dentro de meio ano teremos cem pacientes readaptados a novas profissões, as duzentas visitas mensais taxariam as forças do pequeno numero de individuos que compõem o nosso serviço, automaticamente limitando campo de nossas atividades. E a minha proposta é a seguinte: que você se encarregue, colega, de acompanhar a reabilitação de um cardíaco somente, com isto contribuindo a prolongar uma existencia antes condenada.

Obrigado pela atenção.

A Mulher

VICTOR HUGO

O homem é a mais elevada das criaturas. A mulher é mais sublime dos ideais Deus fez para o homem um trono; para a mulher um altar. O trono exalta e o altar santifica.

O homem é cérebro; mulher coração. O cérebro produz luz; coração produz amor. A luz fecunda, o amor ressuscita. O homem é o gênio; mulher é anjo. O gênio é imensurável, o anjo é indefinível. A aspiração do homem é a suprema glória; a aspiração da mulher é virtude extrema.

A glória promove grandeza; virtude a divindade. O homem tem a supremacia; a mulher a preferência. A supremacia significa a força; a preferência representa o direito. O homem é forte pela razão; a mulher é invencível pelas lágrimas. A razão convence; as lágrimas comovem.

O homem é capaz de todos os heroísmos;

a mulher de todos os martírios. O heroísmo nobilita; o martírio purifica. O homem é um código; a mulher um evangelho. O código corrige; o evangelho aperfeiçoa. O homem é um templo; a mulher é um sacrário. Ante o templo nos descobrimos; ante o sacrário nos ajoelhamos. O homem pensa; a mulher sonha.

Pensar é ter uma larva no cérebro; sonhar é ter na fronte uma auréola.

O homem é o oceano; a mulher o lago. O oceano tem a poesia que o adorna; lago a poesia que deslumbra. O homem é a águia que voa, a mulher é o rouxinol que canta. Voar é dominar o espaço; cantar é conquistar a alma.

O homem tem um fanal: consciência; a mulher uma estrela: a esperança. O fanal guia; a esperança salva. Enfim, homem está colocado onde termina terra; mulher onde começa céu.

1.ª SEMANA FEMININA DE ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS

Realizou-se, de 15 a 21 de Outubro, 1.ª Semana Feminina de Estudos Universitários, patrocinada pela secretaria feminina da U.E.E., da qual resultaram as seguintes conclusões:

A — Levantamento das condições econômicas das universitárias:

1. Maiores verbas para o ensino universitário e subvenção para estudantes.
2. Criação de faculdades oficiais aumentando a possibilidade de ensino gratuito.
3. Tolerância de uma hora no horário de entrada ou saída no trabalho, para estudante, admitida juridicamente.
4. Possibilidade de trabalho para estudantes dentro do seu futuro ramo de atividades. Intercâmbio entre os empregadores as faculdades no sentido de colocar o estudante que queira trabalhar.

B — Bolsas de estudo. Casa da estudante.

a. Bolsas de estudo: Aumento do número de bolsas de estudo, que favoreçam os universitários, suprindo as necessidades reais de manutenção própria e aquisição de material para estudo especializado, além da isenção de taxas.

b. Casa da estudante:

1. Criação da casa da estudante.
2. Elaboração de um plano de continuação da campanha da casa da estudante, já iniciada pela secretaria feminina da U.E.E..

3. Obtenção de imóveis para funcionamento da casa da estudante.

4. Nomeação de uma comissão ligada à secretaria feminina da U.E.E. que estudará o plano de ação e determinará as necessárias medidas para sua execução.

5. Entrar em entendimento com os srs. Governador do Estado, Reitores das Universidades e Prefeito de São Paulo, assim como entidades particulares, industriais, comerciantes, imprensa, rádio, etc., afim de se conseguir doação de prédios próximos às faculdades e verba para fazer face às despesas.

C — Nivel cultural.

1. Encaminhar às autoridades competentes um pedido de eliminação do inciso II do artigo 6.º do Código Civil Brasileiro.

2. Proporcionar à mulher, acesso aos diversos ramos da profissão escolhida, ao invés de restringi-la aos que lhe são julgados próprios.

3. Abolir a vitaliciedade das Cátedras.

4. Favorecer aos professores «Horário Integral» e melhor remuneração.

5. Estudar o projeto de reforma de estrutura do ensino secundário com criação do Colégio Universitário, solucionando, em parte, o problema do desvio vocacional da estudante.

Em relação à Semana de Estudos

Femininos Universitários:

Realização de futuras semanas de estudos femininos, para debates sobre problemas especificamente femininos.

A CRIAÇÃO DA MULHER

Uma antiga lenda indú descreve a criação da mulher da seguinte maneira: Twashtri, o único deus, criou o mundo e pôs tudo em seu lugar: a terra, mar, lua e as estrelas, o sol e as nuvens; acima de tudo colocou a imensa abóbada celeste.

Então Twashtri criou o primeiro homem, mas quando quis fazer primeira mulher, viu que não possuía mais material. Sentou-se meditou.

Depois, tomou as curvas da lua, as linhas graciosas das trepadeiras, a flexibilidade do réptil, esbeltez do salgueiro que cresce à beira d'água, o brilho esmeraldino da erva, a leveza das plumas, serena alegria do raio do sol, a veledade do vento, as lágrimas presas das nuvens, aveludado das flores, os olhos da gazela, a timidês da lebre, vaidade do pavão, o arrulho da pomba, tagarelice do periquito. Finalmente, tomou o frio da neve, calor do fogo interior das montanhas, dureza do diamante crueldade do tigre selvagem.

Mediu misturou com cuidado todos esses ingredientes. Feita a mistura, Twashtri criou a primeira mulher se comprovou em sua obra.

(QUE ACHAM DA RECEITA?)

AS MULHERES COMPARADAS AOS CONTINENTES

- 15 — 18 anos — Africa — inculta e selvagem.
- 19 — 21 anos — Oceania — pequena e ansiosa.
- 22 — 25 anos — Asia — distante e misteriosa.
- 26 — 35 anos — América — técnica e experimentada.
- 36 — 45 anos — Europa — bombardeada e sem esperança.

“A mulher vista por um professor de Química...”

Simbolo: Mu.

Peso atomico: de 40 a 140.

Estado Natural: Encontra-se perto do elemento homem, mas dificilmente no estado livre.

Propriedades físicas:

Forma: Apresenta-se com curvas interessantes.

Ponto de ebulição: A qualquer temperatura, pois é capaz de ferver a qualquer instante.

Sabor: Doce, quando examinada com cuidado e, amarga em caso contrario.

Propriedades Químicas:

E' um elemento muito ativo. Apresenta grande afinidade pelos elementos ouro, prata, platina. Reage violentamente quando em presença de outra mulher mais bonita, melhor arrumada assumindo coloração verde.

Envelhece rapidamente.

Empregos:

- 1 — Como enfeite.
- 2 — Tônico do sistema nervoso.
- 3 — E' o mais possante redutor do dinheiro dos homens.

Conservação: Dentro de casa, com o telefone desligado... D. BELLIBONI



...Como eu imaginei, após a aula inaugural, que seria a aula prática de cirurgia... (um quinto-anista)

Como o povo vê o estudante de medicina

Antes de entrar na Faculdade, quando está estudando para o vestibular: — Muito bem, ele vai prestar exame na Faculdade de Medicina? Puxa, é um exame difícil. E' mesmo um rapaz inteligente.

Ao calouro: Vejam só que colosso, ele entrou na Faculdade de Medicina.

Ao segundo-anista: O quê, ainda está no 2º ano?

Ao terceiro-anista: Ainda no 3º ano já pensa que é grande coisa.

Ao quarto-anista: Olhem só a pose dele, um simples quarto-anista. Está recém-gatinhando.

Ao quinto-anista. Ainda está no 5º ano e já pensa que é doutor, que presunção.

Ao Doutorando: O quê heim, ele já é doutorando, que colosso, dentro de alguns meses será doutor. Para mim ele já é um médico, pois sabe tanto quanto um médico.

Ao médico recém-formado: Vejam só que pose, nem bem saiu da Faculdade. Um simples mediquinho. Vai ver não sabe nada.

E como pensa o aluno

Antes de entrar na Faculdade: Caramba, quanta matéria inútil para decorar, é impossível saber tudo. Se eu tiver sorte — muita sorte — eu entrarei na Faculdade e depois lá dentro o negócio é sópa.

Calouro: Quem foi que disse que o negócio aqui dentro é sópa. O Locchi já disse que o exame está aí e eu só estudei até agora 38 ossos e faltam mais outro tanto, e todos os músculos as visceras todas.

E histologia e embriologia? No ano passado ficaram 35 alunos prá 2ª época. E química-fisiológica? Não há tempo para respirar. Será que tudo isso é necessário para ser doutor? Ai que saudades das matérias do vestibular.

Segundo-anista: Caramba, nem sei como consegui sair do 1º ano. O 2º ano sim que é barbada. Agora podemos nadar todos os dias. Coitados dos bichos.

Terceiro-anista: Puxa, se eu não abro os olhos no finzinho. O 2º ano parecia barbada. Assim mesmo é fichinha perto do 3º. Eu já estou com os olhos em pandarocos de tanto olhar ao microscópio: Parasitologia, Microbiologia e Patológica. Ainda bem que Foca se foi. E ainda bem também que há a Clínica Médica para aliviar. Agora sim vou aprender um pouco de Medicina.

Quarto-anista: Já tenho mais de um ano de clínica e não sei fazer um diagnóstico direito. E a Patológica ainda a nos reffrear o desejo de trabalhar no H. C.. E Farmaco, que osso duro de roer. E a Técnica cirúrgica, que calamidade, ainda bem que são só dois dias por semana.

Quinto-anista: Uf, que alívio. Consegui livrar-me da Patológica. Mas estou começando a ficar com médo: não sei nada vou me formar no ano que vem. Acho melhor começar a me firmar para conseguir o internato, senão não sei que será de mim.

Doutorando: Estes estudantes pensam que são grande coisa, vejam só. O você estudante, vá fazer a papeleta de crânio vamos. O você estudante, quem te deu licença de deitar na minha cama? (Esse é da Associação dos Doutorandos Indigentes). Estudante não tem vez! — (Por dentro) Se eu não abrir os olhos o Tolosa me tira a chance de receber o diploma na festa de formatura. Finalmente saiu a gaita do P. S ambulancia, uf!

Coisas que dificilmente acontecem

1. Não cair um único ponto que deixamos de estudar.
2. Aparecer no P. S. Pediatria uma criança cujo diagnóstico não seja Dispepsia.
3. O Renatinho sentar sem batucar.
4. O Bernardo Léo falar uma frase inteira sem «interrupção».
5. O Gatilhão jejuar.
6. Alteração no menu do H. C.
7. O Smul não fazer trocadilho.

HIPOCRATES

BERNARD SHAW

Por interessante coincidência, comemora-se, em pleno dia de finados, o 2º aniversário do falecimento de Bernard Shaw.

Por mais amigos ou inimigos que ele tenha tido e por mais que dele falem bem ou mal, ninguém pode negar que ele foi um homem de espírito privilegiado e que apesar de sua longa sobrevivência, conservou ele este espírito até os últimos instantes de sua vida.

Este seu espírito de ao mesmo tempo humor lógica vemo-lo em todos os seus escritos, em todos os seus ditos.

Sua ironia tocante é profundamente lógica e penetra ativamente no âmago das questões, atingindo exatamente o ponto visado, porque vêm dita com palavras exatas, devidamente pesadas, banhadas de senso e raciocínio que não permitem dúvidas.

Assim é quando ele diz que «O homem é único animal que eu realmente temo. Nunca admirei muito a coragem dos domadores de leões. Pelo menos, enquanto se acham na jaula do rei dos quadrúpedes, estão livres de ser atacados por outros homens. De resto, não há perigo num leão. Ele não tem ideais, nem religião, nem credo político, nem cavalheirismo, nem preocupações de linhagem. Em suma: não há motivos para que ele destrua qualquer coisa que não queira comer».

E assim é também, quando em seu testamento estipula sua última vontade: «Levando em conta o fato de que minhas convicções religiosas e meus pontos de vista científicos não podem, no momento, ser definidos mais precisamente do que como aqueles de um crente na evolução criadora, desejo que nenhum monumento público, ou obra de arte, ou inscrição, ou sermão, ou serviço ritual de comemoração, sugira que aceitei os dogmas de qualquer Igreja ou denominação particular, sob a forma de uma cruz ou outro qualquer instrumento de tortura ou símbolo de sacrifício ou fé».

Test de vocação profissional

- 1) Você estudou pelo Foca ao invés do Focinha?
- 2) Você deixou de ir à Mac-Med para estudar?
- 3) Você assistiu todas as aulas do Milton Amaral, Boemer, Pimenta, Meira, Xilor?
- 4) Você sabe toda matéria dada no curso até hoje?
- 5) Você badalou?
- 6) Você estudou laminas de patologia durante as aulas ou somente em vespas de exames?
- 7) Você já fez 39 pontos em mais que duas matérias?
- 8) Você ama ao próximo como a si mesmo? (Se Cunha estivesse muito doente você iria cura-lo se pudesse?)
- 9) Você já leu em integra todos os livros que comprou?
- 10) Você gosta de se levantar às 3 da madrugada no inverno?
- 11) Você gosta de ouvir lamentos?
- 12) Você é do tipo «mandão»?
- 13) Você se entregaria a um medico com os seus conhecimentos e sua capacidade?

Para cada resposta positiva conte 5 pontos e verifique pela classificação abaixo sua vocação:

- 65 pontos — Catedrático.
- 60 " — Assistente.
- 50 " — Medico de bairro.
- 40 " — Medico da Avenida Ipiranga.
- 30 " — Farmaceutico.
- 20 " — Charlatão.
- 10 " — Comerciante.

Numa aula:

Prof.: O barbeiro entra no sangue e... gargalhada dos alunos.
 Prof.: O que foi?
 Um aluno: E' que sr. disse barbeiro em vez de Triatoma.
 Prof.: Então o triatomideo entra no sangue...

O PROBLEMA DO MÊS:

NOCIVIDADE DO BEIJO

Esta antiga invenção de Cupido — hoje bastante melhorada pela técnica cinematográfica — tem suscitado variadíssimas discussões referentes à sua nocividade. A verdade é que se fez tão comum, atualmente, que um comerciante progressista teve luminosa Idéia de fabricar baton com vitamínicos; desta forma, aliada à vantagem das grandes vendas, estaria a de proteger e melhorar saúde dos seus gulosos freguezes. E por que não se criar, também, entrepostos ou centros de saúde, onde as novas especialidades farmacêuticas — graciosas e bem rotuladas morenas, espiritualizadas louras aerodinâmicas — devidamente batonadas com produtos vitamínicos, estivessem, por conta do Ministério de Educação Saúde, à disposição de todos os gurus, rapazes, senhores e gágas que se sentissem mais enfraquecidos pela avitaminose? Que bom seria a gente poder chegar junto a um desses frasquinhos humanos, após a matrícula no Centro de Saúde e pedir, muito naturalmente: «Moreninha ascórbica, aplique-me 75 miligramas de vitamina C» ou então: «Carotênica lourinha, dê-me, por favor, 5.000 u.l. de vitamina A!» E os beijinhos vitamínicos estalariam medicinalmente...

Ficaria resolvido, assim, o problema da nocividade do beijo; esta poderosa arma do arsenal de Cupido seria definitivamente rehabilitada em todo mundo. Está lançada a Idéia! Que surjam os laboratórios e os estudiosos dispostos a pô-la em prática. Consta, aliás, que o Dr. Simul, entusiasta das aulas de Higiene, agregou em torno de si um eficiente grupo de assistentes pretende apresentar em breve auspiciosos resultados. Esperemos confiantemente.

William Callia

William Ermete Primo Callia, esse incompreendido!

Poucos por nossa escola passaram que tão profundas lembranças deixaram.

Em todas as reuniões, em todos os grupos, em todas as situações em que Callia estivesse ele era o espírito, ele era dono, ele era centro para o qual todos os olhos e todos os ouvidos convergiam. E mesmo agora, após formado, nada mudou; ele continua sendo espírito, o dono, o centro em todas as situações, em todos os agrupamentos onde surja.

Callia é grande em todos os momentos: no Centro, no bar, no barbeiro, no show, nas competições esportivas... Onde haja um cano ou uma corneta, eis que os «sons» de Callia se ouvem. Quem já não o ouviu tocar em todas as competições da Mac-Med, nos shows ou nas dependências do Centro? E perdeu muito quem não o viu apitando partidas de futebol à fantasia ou como professor homenageado nas peruadas...

Mas Callia, filho de artista, só podia ser artista! E como filho de maestro, só podia ser maestro ou louco. Felizmente não é maestro!

Dizem que ele foi importado, mas que chegou em peças e foi montado aqui.

Como artista que é, a arte em todos os seus aspectos se agita na turbulenta alma de Callia.

Artista no sentido completo do termo foi sempre primeiro ator dos Shows-Medicina.

Artista, não podia deixar de ser poeta, mesmo que incompreendido.

Artista, finalmente, formado em medicina, não podia deixar de escolher a arte na medicina, a cirurgia plástica.

...Esta, embora singela, é uma modesta homenagem que «O Bisturi» presta ao seu antigo redator-chefe.



N. da R. — Pedimos ao Callia que nos enviasse uma fotografia sua, mas modesto como é e querendo sempre ficar incógnito, enviou-nos sua última fotografia, quando fugia da Ilha Anchieta. Honestos e sinceros como somos, levamos a fotografia à Polícia e esta nos comunicou que nem sequer os presidiários de lá desejam de volta.

ORION N + 1

Orion 9760
Três horas
Bate vento na vidraça, vidra o vento na calçada.
Ninguém
Só, há pouco, um rapazola passa cantando uma canção.
Três horas
passo a passo vai-se distanciando
a sombra dos ipês vai diluindo
já não o ouço, que malandro
n'alma ficou-me esta canção...
Três horas e um minuto.

WILLIAM CALLIA — Julho de 52

SHOW MEDICINA

Se existe algo que muda a rotina e o aspecto da Faculdade de Medicina, durante um lapso de tempo relativamente longo, é o admirável, o incomensurável, o fantástico, o inconfundível, o indescritível SHOW-MEDICINA.

Antes da realização do Show, a expectativa geral, o comentário dos ensaios ocupa quasi todas as conversas de todos os grupos que se reúnem cá ou acolá.

O show em si é de fato algo de incoentável. Ri-se quase do começo ao fim e ainda se acha pouco.

Após o show, durante semanas comenta-se este ou aquele número, este ou aquele intérprete, esta ou aquela cena.

Que viva sempre o SHOW-MEDICINA, o MAIOR, o UNICO!!!!

Este ano o show esteve verdadeiramente notável.

Quanto aos artistas deste ano, todos estiveram ótimos, porém sobressaindo de maneira inconfundível a dupla PIERO e CACCESI.

E este ano eles partem. Que pena!

A mesma cisma e o mesmo estado de desânimo que sentimos no ano passado quando o grande Callia representou no show pela última vez, sentimos agora que chegou a última vez de Piero e Caccesi. Embora não se deva esquecer todos os outros doutorandos que pela última vez trabalharam no Show-Medicina. E este ano a leva é grande.

Temos sempre a impressão que o Show vai morrer.

Mas não é verdade! Os que ficam e os que surgem, alentados e inspirados nos grandes que nos deixam, esforçam-se por se aperfeiçoarem e levarão de novo e sempre o SHOW-MEDICINA à cena e com igual e inconfundível sucesso!

E que viva sempre o GRANDE, o MAIOR, o UNICO SHOW-MEDICINA.

FUTEBOL NO SHOW

Após a emocionante peleja entre os professores e alunos, em que os professores venceram pela elevada contagem de 1 a 0, foi lido por Zé Luiz o seguinte comentário do jogo:

«Nesta noite, um pouco fria talvez para a prática do futebol, vemos as dependências do estádio completamente lotadas por um grande público.

Esse público que esperava assistir hoje um grande jogo, assiste somente uma boa partida de futebol, porque o ataque das duas equipes não vem se completando, constituindo portanto ponto alto das duas equipes o setor defensivo, principalmente dos professores, que estão usando defesa cerrada e marcando em cima.

Individualmente no time dos professores estacamos no arco esse tão discutido Cunha Motta, que apesar de pouco empenhado, revelou nas vezes em que foi chamado a intervir que segura com bastante firmeza.

Na zaga direita temos Xilór, elemento que a pouco veio do interior, um tanto bizonho ainda. Se deixou vencer algumas vezes, mas até agora não comprometeu.

Na zaga esquerda, Locchi é um verdadeiro espetáculo. Não se deixa impressionar com o cartaz do adversário e em toda jogada, exige do homem sob sua marcação, que mostre suas qualidades se não mostrar, não passa.

Na linha média Bielick, apesar de se ressentir de antiga contusão, é elemento de primeiro plano, quando se empenha fundo corta tudo.

Mignone e Foca completam a linha média, jogando dentro de suas características normais, têm segurança bem o ataque dos alunos, facilitando assim o trabalho de Cunha Motta.

O ataque é uma lástima.

Na ponta direita Boemer tem se esforçado bastante, mas é atrapalhado, confuso, sem visão de gol, sem noção de jogo, em suma é uma verdadeira negação.

Junqueira, um elemento diferente... Quer introduzir inovações na técnica do futebol, atrapalha todo mundo e até agora nada realizou de positivo.

O center-forward Vasco joga regularmente no meio do campo, mas é por demais individualista, quer fazer tudo sozinho acaba sendo desarmado. Além disso reclama e gesticula demais, irritando até mesmo os próprios companheiros de sua equipe. Mas apesar disso continua um emérito chutador.

Totó Cintra, na meia esquerda, faz alarde de boa classe, mas antes de lançar a bola para um companheiro pensa muito, analisa as probabilidades, dando tempo para a colocação da defesa adversária. Entretanto assinalou de patinete um belo tento aos 20 minutos.

Pessoa na extrema esquerda, continua sendo aquele mesmo elemento infiltrador e muito perigoso dentro da área adversária. Entretanto perdeu um gol certo, quando de uma bola cruzada da direita não pôde aproveitar porque só sabe chutar com esquerda.

Quanto à equipe dos alunos: sem comentários.

ARTE DE SOMAR

- 1) Uma moça + 20 cigarros = Hy.
- 2) Um aperto de mão + palavras agradáveis + um desconhecido = Um candidato.
- 3) Aula + 12 moças + som radio teatral + 12 suspiros + 12 pensamentos num carro 18-60 (Bombonzinho).
- 4) 7 + 7 + 7 + 7 = felizardo.
- 5) 1 aluno sabido + 1 aluno ignorante + exame = cola.
- 6) Professor contando piada sem graça + aluno rindo = badalo.
- 7) Um par de sapatos brancos + impecáveis + 2 mascaras + um avental alvíssimo + luvas + confusão de ferros = iniciante na cirurgia.
- 8) 1 aluno + 1 máquina de escrever + 1 máquina fotográfica + Physicians Handbook = estagiário de 2º CC.
- 9) Uma moça + 3 batidas nas costas + votos de carreira cirurgica = Bielick.

SIMULADAS

- 1) Na 1.ª Clínica Médica o Mattar vive fugindo do Belmiro porque o Belmiro é Pinto e o Mattar "É...milio" (O mesmo acontece na Terapêutica entre o Pinto Lima e o Emilio Terreri).
- 2) O colega Cazuyuki Aoki como será que age num "caso... que há o que" duvidar?
- 3) O caixara quando tiver consultório vai fazer propaganda dizendo: — Quem está doente vem "ca...i...sara"
- 4) O colega Odon Ramos Maranhão tem "o... dom..." em muitos "ramos" da Medicina mas é incapaz de tratar u... "m...aranhão".
- 5) Desta maneira onde é que o Maranhão vai "pará"?
- 6) Para fazer experiências em animais é melhor fazer "na...gata" "o...no...rato"?
- 7) A cadeira de Histologia passou agora para o 2.º ano; será "isto...lógico"?
- 8) O Bielick agora vai dar aulas de Anatomia Topografica no 3.º ano; neste caso o nome dele passará a ser "Tri...elik"
- 9) Será que as iniciais no avental do Franklin não significam "Fisiologia matéria chata"?
- 10) Quem são os sobrinhos da "Tia...mina"?
- 11) Será que um individuo acidentado cuja fratura lo... "go...doi morrerá"?
- 12) O Vasco perguntou ao Romeu Cianciarulo: — Acaso tenho "eu...genio...mau...Ro"...meu caro?
- 13) No dia do exame de Terapêutica Clínica o pessoal vai "Rossetar"?
- 14) Resposta: No dia do exame pratico vai "Rossetar" um pouco e no escrito "O...resto"
- 15) Durante as aulas de Higiene será que o mestre observa as "mascarinhas" da turma?
- 16) Se eu fizer um trocadilho com o nome do professor de Clínica de Moléstias Infecciosas e Tropicais será que ele "me...irá" reprovar?
- 17) Quem for assistir as aulas gritadas do Delascio pode ficar fora da sala mesmo, porque "de.lá...se...o"...uve.
- 18) Os estagiários da Casa Maternal, logo que começam um plantão já estão ansiosos para saber quando "será...fim".
- 19) O Forjaz aprecia qualquer música ou só se "for...jazz"?
- 20) Das moças que estudam na Faculdade toda "uva...passa".
- 21) Se acham semelhança entre essas piadas e as de Vão Gogo, eu quero lembrar que Vão Gogo é demagogo e as piadas deles são em "vão".

NOTÍCIAS CIENTÍFICAS

A CARGO DO DEPARTAMENTO CIENTÍFICO DO CAOC

TRATAMENTO DA NÁUSEA E VÔMITOS DA GESTAÇÃO

As náuseas e vômitos devidos à gravidez se apresentam com características diversas. Assim, êsses fenômenos podem ser causados por distúrbios simpáticos e apresentarem-se discretos e transitórios, surgirem a partir do primeiro mês de gestação e desaparecerem no fim do terceiro mês ou começo do quarto, nas primeiras horas da manhã e em jejum, em geral mucosos; não perturbam o estado geral da gestante, são mais frequentes nas primigestas do que nas multiparas e são considerados fisiológicos.

Porém, em outras ocasiões, mais raras, os fenômenos são mais manifestos pela frequência, intensidade e duração; os vômitos são alimentares porém o organismo não sofre notavelmente.

Outras gestantes apresentam os vômitos chamados incoercíveis, isto é, são frequentes e intensos e resistentes a qualquer medicação; nestes casos a alimentação torna-se difícil e mesmo impossível, há emagrecimento progressivo, podendo surgir sinais de intoxicação tais como icterícia discreta, cefaléia, febre, irregularidade do pulso, hipotensão arterial, oligúria, albuminúria e a pesquisa na urina de corpos cetônicos e tirosina, pode ser positiva. Mais raramente podemos ainda observar eritemas, erupções cutâneas, nevralgias, distúrbios visuais e finalmente sonolência, alucinações, delírio seguindo-se o coma a morte. Quando morte sobrevém anátomo-patologicamente encontramos prevalentemente processos de degeneração gordurosa e hemorragias no fígado e nos rins e atrofia das suprarrenais. Estas formas graves de vômitos denominamos hiperêmese gravídica ou vômitos incoercíveis.

Como vimos, as náuseas vômitos, desde os simpáticos até os incoercíveis, constituem graus diversos pela intensidade gravidade de uma mesma manifestação mórbida.

Embora se desconheça a causa principal das náuseas vômitos da gravidez, podemos enumerar certos fatores bem estabelecidos que determinam seu aparecimento cujo conhecimento é necessário para se estabelecer uma medicação adequada para cada caso. Podem ser psicogênicos e orgânicos.

Os fatores psicogênicos agem mais como cocausa, são frequentes podem ser eliminados pela sugestão isolamento da gestante.

Entre os fatores orgânicos citam-se os predisponentes, metabólico, endócrino alérgico.

São fatores predisponentes a retroflexão uterina, pequenos polipos uterinos, gastro-patias, aerofagia, hepatopatias, pielite, hipertireoidismo, etc.

O fator metabólico está ligado principalmente a desordens do metabolismo dos hidratos de carbono que, surgindo precocemente, são devidas a disfunção hepática; é justamente no primeiro trimestre da gravidez que o glicogênio do fígado é intensamente utilizado pelo ovo, donde a conveniência de se prescrever glicose nesse período.

O fator endócrino vem sendo cuidadosamente estudado pelos diversos autores ultimamente refere-se modificações determinadas pela gravidez em uma ou mais glândulas de secreção interna especialmente no corpo lúteo e nas suprarrenais. Vários fatos apontam que a insuficiência suprarrenal, em graus variáveis, traz em consequência fenômenos nauseosos e vomitivos durante a gravidez. Assim, nos casos fatais de hiperêmese a suprarrenal se apresenta atrofiada; as náuseas os vômitos surgem logo depois da adrenalectomia havendo mesmo uma analogia sintomatológica bioquímica entre aqueles fenômenos e doença de Addison; enfim, a terapêutica pelo extrato adreno-cortical traz efeitos decisivos em numerosos casos.

O fator alérgico tem sido aventado por certos autores e seria devido a uma hiper-

sensibilidade materna ao hormônio do corpo amarelo. O tratamento nestes casos pode ser feito pela progestina não sintética.

TRATAMENTO: Nas náuseas e vômitos matutinos, ditos fisiológicos, em que o estado geral da gestante não é perturbado, o tratamento consiste em injeção intravenosa de 50 g de soro glicosado hipertônico, intramuscular, em dose diária, de 50 mg de vitamina B₁, de 10 mg de piridoxina (B₆), de 50 mg de C e de extrato suprarrenal na dose de 2 a 5 mg.

Quando as náuseas e os vômitos são incoercíveis, o tratamento visa combater desidratação as desordens metabólicas. Para isso usamos:

1 — Para combater desidratação: soro glicosado isotônico a 5% na dose de 500 cm³ por via endovenosa, cada seis ou oito horas, e soro fisiológico na dose de 1.000 a 2.000 cm³, por via endovenosa, cada doze ou dezoito horas. Essas quantidades podem ser aumentadas ou diminuídas conforme a gravidade do caso.

2 — Para combater as desordens metabólicas usamos:

a — Alimentação artificial, pela entubação duodenal, diariamente, de 250 cm³ de xarope de sacarose ou dextrose a 10%, um laxativo, 1 cm³ de HCl, diluído e suco de um tomate e de um limão. Depois do sexto dia de tubagem, pôde-se tentar a alimentação bucal, em refeições pequenas, cada duas horas, dieta seca.

b — Vitaminoterapia, isto é, vitaminas C, B₁, B₆ e niacina por via muscular. A vitamina C para prevenir a hemorragia da retina, na dose de 150 mg por dia, a B₁ para corrigir as desordens nervosas e do metabolismo dos glicídios, na dose de 50 a 100 mg, 3 vezes por semana, e a niacina ou ácido nicotínico, na dose de 100 mg diários, age favoravelmente sobre as lesões hepáticas e estimula a suprarrenal.

c — Endócrinoterapia: o extrato suprarrenal, em injeções intramusculares, na dose de 2 a 5 mg por dia, tem dado excelentes resultados. Em recente publicação, Dorsey relata curas em 95% das pacientes, devidas ao emprego combinado da piridoxina, na dose de 25 mg, de suprarrenal na de 0,5 cm³, em injeções intramusculares, duas cada 24 horas. Cuidados gerais, sedativos e alimentações repetidas foram usados em todos os casos. O Prof. Repetti, da Clínica Obstétrica de Genova, obteve resultados semelhantes.

d — Medicação sedativa: acamar e isolar gestante para repouso físico e mental. Como medicamento, recomenda-se brometo de sódio (5 a 6 g) em clistér de 100 cm³ de água de amido a 20%, aplicado à noite.

Em casos especiais devemos nos socorrer da transfusão de sangue e do extrato de tireóide, aquela pela ação hipertônica, antitóxica e antianóxica este devido ao fato de muitos casos de náuseas vômitos em gestante correrem por conta da hipofunção da glândula.

Ddo. Paulo Zuppo

VI — Curso de Medicina e Cirurgia de Urgência

Patrocinado pelo Departamento Científico do Centro Acadêmico «Oswaldo Cruz» e com a colaboração da Sociedade dos Médicos Internos do H. C., realiza-se durante o mês de Outubro do corrente ano, mais um Curso de Medicina Cirurgia de Urgência, dedicado aos acadêmicos de medicina. As aulas são ministradas diariamente, das 16 às 18 horas, menos aos sábados e domingos, no anfiteatro da 3.a CM, obedecendo ao programa que se segue:

PEDIATRIA:

Dia 6 — 1 — Dispepsia e toxicose — Dr. Américo dos Santos; 2 — Diateses hemorrágicas do recém-nascido — Dr. Wilson Valente da Silva; Dia 7 — 3 — Laringotraqueobronquite aguda — Dr. Antranik Manissadjian; 4 — Abdome agudo na criança — Dr. Primo Curti.

OBSTETRICIA:

Dia 8 — 1 — Prenhez extra-uterina rota. Dr. Oswaldo Lacreta; 2 — Outras afecções obstétricas de urgência. Dr. Bussamara Neme.

ORTOPEDIA:

Dia 9 — 1 — Luxações fraturas de redução imediata. Dr. Edmundo Batalha; 2 — Fraturas expostas e ferimentos das partes moles. Dr. Paulo Canton.

OUTROS TEMAS:

Dia 10 — 1 — Endoscopia per-oral em Pronto Socorro. Dr. Plínio Mattos Barreto; 2 — Oftalmologia em Pronto Socorro. A ser anunciado.

CIRURGIA GERAL:

Dia 13 — 1 — Tratamento do estado de choque. Dr. Artur Biancalana; 2 — Ressuscitação e respiração artificial. Drs. Eugênio Mauro e Alberto Caputo.

Dia 14 — 3 — Traqueostomia e taponamento das fossas nasais. Dr. João de Melo; 4 — Retenção de urina e cólica nefrítica. Dr. Darcy Vellutini.

Dia 15 — 5 — Traumatismos crânio-encefálicos. Dr. Sívio Forjaz; 6 — Queimaduras. Dr. Roberto Millan.

Dia 16 — 7 — Traumatismos dos órgãos do pescoço e do mediastino. Dr. Iseu Afonso da Costa; 8 — Traumatismos pleuropulmonares e tóraco-abdominais. Dr. Rui Ferreira Santos.

Dia 17 — 9 — Traumatismos abdominais. Dr. Oscar Luiz Gurjão Cotrim; 10 — Traumatismos do aparelho urinário. Dr. Célio Fontão Carril.

Dia 20 — 11 — Apendicite aguda. Dr. Paulo Alvim de Freitas; 12 — Perfuração de víscera oca abdominal. Dr. Masagochi Goto.

Dia 21 — 13 — Úlcera gastro-duodenal perfurada. Dr. Francisco de Paula Santos Abreu; 14 — Obstrução intestinal aguda. Dr. Alfredo Duarte Cabral.

Dia 22 — 15 — Pancreatite aguda e colecistite aguda. Dr. Sívio Alves de Barros.

MEDICINA GERAL:

Dia 22 — 1 — Intoxicações agudas. Dr. Cássio Bottura.

CURSO DE REUMATOLOGIA

Sob o patrocínio do Departamento Científico do CAOC realizar-se-á, em dezembro do corrente ano, o primeiro curso de Reumatologia, organizado e orientado pelo Dr. Castor Jordão Cobra, que contará com a colaboração dos Drs. Remo Luiz Tellini, Prof. Rafael de Barros, Joaquim Gonçalves Filho, Roberto Taliberti Eduardo Carlos F. Ferraz. Local. Audit. de Terapêutica, das 9 às 11 horas.

E' o seguinte o programa do curso:

Dia 8 — 1.a aula — Reumatismo. Conceito e generalidades — Dr. Castor Jordão Cobra.

Dia 9 — 2.a aula — Reumatismo. Classificação — Dr. Castor Jordão Cobra.

Dia 10 — 3.a aula — Reumatismo. Semiologia física — Dr. Remo Ruiz Tellini; 4.a aula — Reumatismo. Semiologia radiológica — Prof. Dr. Rafael de Barros.

Dia 11 — 5.a aula — Febre reumática. Sinonímia. Etiologia. Quadro clínico e anatomopatológico. Evolução — Dr. Remo Ruiz Tellini; 6.a aula — Febre reumática. Tratamento medicamentoso e higieno-dietético — Dr. Castor Jordão Cobra.

Dia 12 — 7.a aula — Artrite reumatóide. Sinonímia. Etiologia. Quadro clínico anatomopatológico. Evolução — Dr. Joaquim Gonçalves Filho; 8.a aula — Artrite reumatóide — Tratamento medicamentoso e higieno-dietético — Dr. Castor Jordão Cobra.

Dia 15 — 9.a aula — Osteoartrite. Sinonímia. Etiologia. Quadro clínico anatomopatológico. Evolução. Tratamento medicamentoso e higieno-dietético — Dr. Remo Ruiz Tellini.

16 — 10.a aula — Gôta. Sinonímia. Etiologia. Quadro clínico e anatomopatológico. Evolução. Tratamento medicamentoso e higieno-dietético — Dr. Joaquim Gonçalves Filho.

Dia 17 — 11.a aula — Fibrosite. Sinonímia. Etiologia. Quadro clínico e anatomopatológico. Evolução. Tratamento medicamentoso e higieno-dietético — Dr. Joaquim Gonçalves Filho.

Dia 18 — 12.a aula — Reumatismo. Tratamento fisioterápico ortopédico — Dr. Roberto Taliberti.

Dia 19 — 13.a aula — Reumatismo. Ultrassom eletroterapia — Dr. Eduardo Carlos F. Ferraz.

Dia 23 — 2 — Comas. Dr. Bernardo Léo Wajchemberg.

Dia 24 — 3 — Síndromes cardíacas de urgência. Dr. Israel Nussenzveig.

Dia 27 — 4 — Síndromes convulsivas. Dr. Spina França Neto; 5 — Síndromes respiratórias de urgência. Dr. Orlando Nattale Bassoi.

Dia 28 — 6 — Síndromes hemorrágicas de urgência. Dr. Michel Abu-Jamra; 7 — Síndromes gastro-intestinais agudas. Dr. Dirceu Pfuhl Neves.

Dia 29 — 8 — Picadas de animais venenosos. Dr. Carlos Villela de Faria; 9 — Tétano e síndromes infecciosas de urgência. Dr. Décio Penna.

AUMENTA A RESISTÊNCIA ORGÂNICA E DESINTOXICA O ORGANISMO

PANTOCORTINA

MEDICAMENTO DE ESCOLHA EM TODAS AS ASTENIAS

FÓRMULA POR CM³ DE SOLUÇÃO:

Hormônio cortico-suprarrenal natural	15 U.C. (unidade cão)
Ácido Pantotênico	0,050 g
Glicocola	0,050 g
Vitamina B ₁	0,005 g
Cloreto de Sódio	0,100 g
Água destilada q. s. p.	1 cm ³

APRESENTAÇÃO:

AMPOLAS DE 2 cm ³ , (com 30 U. C. de hormônio)
AMPOLAS DE 5 cm ³ , (com 75 U. C. de hormônio)
GOTAS - Vidro de 20 cm ³ , (com 15 U.C. de hormônio por cm ³)

COMPANHIA FARMACEUTICA BRASILEIRA VICENTE AMATO SOBRINHO S. A.

Praça da Liberdade, 91 — Tel. 36-2822 — Caixa Postal, 2438
São Paulo

ANASEPTIL POMADA: — SULFA EM ALTA CONCENTRAÇÃO, ASSOCIADA ÀS VITAMINAS A E D DO ÓLEO DE FÍGADO DE BACALHAU.

ANASEPTIL COLUTORIO: — SULFA NOVARSENOENZOL, PARA O TRATAMENTO DE AFECÇÕES BUCO-FARINGEAS.

ESPORTES

MAC-MED

ECOS DA MAC-MED

Por **HIPOCRATES**

Mens sana in corpore sano. Nenhuma égide seria mais apropriada às competições da Mac-Med. Entretanto, observação de certos fatos nos levam a pensar que os organizadores da Mac-Med não compreendem ou não querem compreender o significado dessas palavras.

Vejamos, por exemplo, jogo de vôlei, que foi disputado em melhor de 5, condição, por si só, que exige um bom preparo físico dos atletas; se, por este ou aquele motivo, não se conseguir o referido preparo, o certo, o indicado, será a redução da série para melhor de 3 e nunca, como aconteceu em 2 de Outubro, a realização de 5 «sets», pois tais jogos, nessas condições, não exprimem nem poderão jamais exprimir um resultado técnico ou uma maior perfeição de conjunto; que eles mostram é a esalfa, é a vitória do menos cansado, é o esporte desvirtuado, levado ao extremo da resistência física. Foi isto, exatamente, o que presenciamos: o aspecto dos nossos atletas e o dos nossos valorosos adversários, ao final dos jogos, evidenciava maior depauperamento possível de forças. Convenhamos não ser esta a finalidade do Esporte esperamos que nos próximos anos haja alguma mudança, para melhor, na organização da Mac-Med. Além do mais, não fica bem, para nós, estudantes de Medicina, a atitude de aprovação ou indiferentismo a fatos

que contrariam, tão de perto, os objetivos visados pela Ciência Médica.



MED-MAC

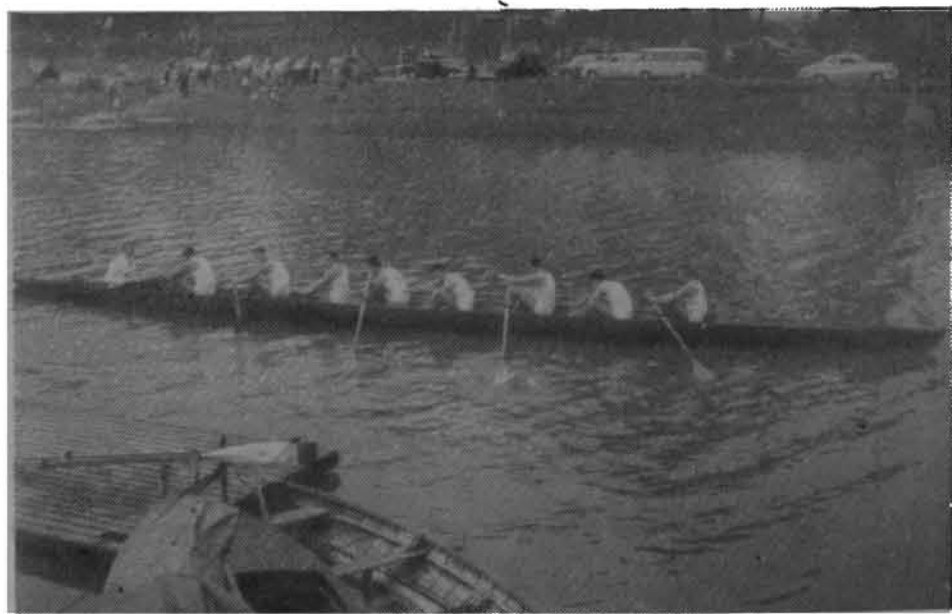
Achamos que raramente ganhamos a Mac-Med por causa do nome. E' claro! Quando os anjos da sorte perguntam ao Destino quem deve ganhar a Mac-Med ele vai responder, naturalmente, que a Mac-Med será ganha pela Med; mas como ele anda muito atarefado, sempre quando ele está no meio da frase é interrompido justamente após dizer «a Mac...» (quando ia dizer «a Mac-Med será ganha pela Med»); então os anjos da sorte pensam que ele disse que a Mac deve ganhar e já mexem os pausinhos neste sentido.

Propomos pois, solenemente, que se troque o nome da prova para Med-Mac.

Mas, apesar de a sorte não nos ajudar, conseguimos três estrondosas vitórias e nas provas mais importantes: Hipismo, Saltos Ornamentais e Remo. A prova de futebol nós não quisemos ganhar e permitimos ao adversário empatar. Quanto às outras provas, nós não ganhamos porque não valia a pena, provas sem importância alguma. Mesmo prova de Voleibol que sempre foi barbada da Med, nós por teimosia, fizemos o possível para perdê-la e para isso não trocamos nenhum homem em campo durante os «breves» cinco sets, enganando a todos com a «falta de reservas».

PREPARANDO-SE PARA A LARGADA...

Os bravos remadores da MED, que brilhantemente venceram as cinco provas de REMO da XVIII Mac-Med, derrotando a MAC por cinco a zero.



Patrão: Zé Luiz; Zuppo, Adib, Iacovone, Coriolano, Cassab, Tocchio, Joamel e Caio.

ESPECIALISTA EM LIVROS DE MEDICINA

ASSINATURAS REVISTAS

LIVRARIA MÉDICA

HOSPITAL DAS CLINICAS

Av. Dr. Ademar de Barros, 476 — 4.º andar
Fone: 8-2161 R. 90

SÃO PAULO

PARECE MENTIRA...

No jogo entre o Corinthians e Vasco, no Rio, o Corinthians marcou 2 gols idênticos, um em cada fase, da seguinte maneira: Claudio recebeu a bola e centrou para Baltazar cabecear e marcar.

A propósito conta-se o seguinte: Dois da «terrinhã» foram assistir ao jogo e chegaram atrasados, justo no momento em que Claudio recebia a bola, centrava para Baltazar marcar de cabeça o 1.º gol do Corinthians. Ficaram e continuaram a assistir o jogo. Acabou a primeira fase, houve intervalo começou a 2.ª fase nesta, num determinado momento, Claudio recebe a bola, centra para Baltazar e este mar-

ca de cabeça o 2.º gol do Corinthians, exatamente igual ao 1.º.

Nisto diz um outro: — Vamos embora que foi neste ponto que chegamos.

OBSTETRÍCIA

Prof.: Quais as causas de hemorragia uterina no 3.º trimestre da gravidez?

Aluno: Placenta prévia, descolamento prematuro da placenta, ruptura uterina... epistaxis fetal...

Resposta da charada do mês

Domingos Delascio.

ESPIRITO DE EQUIPE E ESPORTE AMADOR

Kanichi Sato

Uma boa equipe é aquela que apresenta as vantagens de todos seus elementos, sem os defeitos individuais dos mesmos. O contrário, porém, pode acontecer: os defeitos individuais, não convenientemente corrigidos e orientados, podem anular as vantagens de todos os elementos de uma equipe.

Costuma-se, em geral, dar nome de equipe todo conjunto de esportistas que defende um clube ou uma associação. Mas seria melhor dar essa denominação ao grupo de homens que se esforça para obtenção de um mesmo fim comum, guardando, durante a ação, cada um, sua própria personalidade. Esse espírito de equipe depende da cooperação do homem livre.

A aplicação desse sistema poderia resolver muitos problemas sociais. Como coordenar as aquisições da moderna civilização, para bem da humanidade? Como aproveitar as funções dos diversos especialistas? Como orientar vida social com as idéias, às vezes tão contraditórias, que predominam no momento? São, todas estas, questões que fazem parte do programa de uma democracia.

O espírito de equipe é o resultado da ação livre do amor de seus elementos. Esse amor, operando num clima de liberdade e baseando-se na tradição, pode produzir coisas originais para as necessidades dos homens. Naturalmente, a vida coletiva dos elementos de uma equipe cria, pela educação, a disciplina, sem necessitar de regulamentos e de força. Esse espírito coletivo da equipe é bastante flexível pelo respeito ao homem, o que lhe dá uma personalidade própria. Não é como um «mosaico», cujos elementos obedecem a regras mecânicas, à vontade do arquiteto ou do artista, não possuem, portanto, autonomia.

Para a formação da equipe é preciso disciplina e limitação da autonomia do indivíduo pela justiça a moral. Uma boa equipe é aquela onde são respeitadas a personalidade e a liberdade. Se o ambiente de ordem, porém, for perturbado por alguns elementos, primeiro deve-se chamar a atenção do mesmo e aconselhá-lo. No caso, porém, dele chegar a pôr em risco a boa harmonia do ambiente, é preciso, para defesa da justiça e da equipe, afastá-lo.

A função do dirigente é preparar o ambiente para que cada elemento, com a cooperação de todos os integrantes da equipe, apresente o maximo de sua capacidade no meio dos companheiros, assim desenvolver em cada um a confiança em si proprio. A orientação, na formação da equipe, deve ser educativa. Para isso observar, coordenar e dirigir a ação dos componentes para um fim comum, procurando pelo amor, ação livre de cada um. Acentuar o que cada um tem de diferente como qualidades pessoais, sem comparar, entre si, as qualidades dos indivíduos, porquanto todos são igualmente importantes numa equipe. O principal, na orientação da coordenação

dos elementos, é a acentuação da força coletiva para os principais problemas da época, cada um naturalmente, contribuindo com sua própria personalidade e cultura e com suas qualidades pessoais. Assim, automaticamente, o amor à equipe faz com que os interesses desta sejam defendidos por cada um como se fossem interesses próprios, cabendo ao dirigente apenas completar os pontos falhos e fracos pela substituição dos elementos.

A melhor idade para a aplicação desse sistema é que vai dos 13 aos 16 anos, quando é possível coordenar a ação do dirigente com a educação familiar. São precisos, pelo menos, três anos consecutivos de prática. Havendo já um bom ambiente formado, pode-se incluir pessoas de 10 anos de idade, ou ainda de menos. Dos 17 anos em diante, porém, é mais difícil adaptação, em virtude dos indivíduos já terem mentalidade formada. Depois dessa idade a educação deve ter por função mais cultura social, visando o preparo de futuros dirigentes.

O espírito de equipe é universal, isto é, uma vez adquirido vai influir em todas as atividades do indivíduo. Foi essa a conclusão que cheguei depois de oito anos consecutivos (1933-1941) de experiência no campo de minha profissão de treinador de natação, acompanhando evolução pessoal de cada aluno. No campo do esporte, por exemplo, com o mesmo entusiasmo com que um nadador defendia a equipe do Clube num Campeonato Estadual, defendia a do Estado num Campeonato Brasileiro; da Nação numa Competição Internacional, demonstrando, com isso, a evolução do seu espírito de equipe formado no clube. Mas quando, no meio da equipe, é procurado somente o interesse pessoal, os derrotados vão naturalmente se desinteressando da pratica do esporte porque todo o esforço é para fazer brilhar só o campeão. Este desaparecendo, acaba tudo, como demonstra, por exemplo, o quadro atual de nosso esporte amador no setor aquático. Mas quando existe o espírito de equipe, é impossível ao esportista pensar somente na sua própria vitória, que decorre sempre do esforço conjunto de todos, porque ele está ligado aos elementos de sua equipe por interesses comuns. E' esse espírito que permite, na minha opinião, a generalização do esporte amador. Quando ele é alcançado, não só os campeões, porém todos podem melhorar. E nota-se que essa melhoria não se opera somente no terreno esportivo, mas em todas as atividades que o indivíduo exerce.

Da observação da experiencia na piscina da Faculdade, me nasceu a grande esperança de melhorar as atividades coletivas e mudar o ambiente de vida dos estudantes pela formação do espírito de equipe generalização da prática do esporte amador.

BOLETIM H. C.

Em 1 de outubro de 1952 iniciou-se, de maneira auspiciosa, a publicação do Boletim H. C., cujas finalidades e princípios vêm explanados na apresentação do primeiro número, que a seguir publicamos:

APRESENTAÇÃO

São Paulo, 1 de outubro de 1952.
Mais um passo para a frente representa a publicação do Boletim, reflexo diário da súpula de todas as atividades administrativas e médicas desenvolvidas no Hospital. Instrumento de informações úteis e oportunas a todos que se interessam pela vida desta Instituição, será ao mesmo tempo, pela divulgação das atividades científicas aqui realizadas, mais um laço de união entre os médicos a concorrer para o nosso desenvolvimento cultural.

Nesse propósito estamos certos de que a iniciativa ora em início de sua realização contará com o apoio e a cooperação do Corpo Clínico, cujo conceito já está plenamente firmado como expressão da nossa capacidade profissional.

Como resultado do esforço comum, diz bem o diploma recentemente conferido ao Hospital das Clínicas pela Associação Hospitalar Americana, cujo teor, damos a seguir, para que fique auspiciosamente assinalado no primeiro número do nosso Boletim, tão honrosa distinção:

«ASSOCIAÇÃO HOSPITALAR AMERICANA

Em reconhecimento aos seus ideais e finalidades como um Serviço de Saúde da comunidade e com a devida consideração à sua capacidade em elevar os designios e métodos da Associação Hospitalar Americana em seus esforços para proporcionar

uma eficiente assistência hospitalar a todos os elementos da população, O HOSPITAL DAS CLINICAS DA FACULDADE DE MEDICINA DE SÃO PAULO, BRASIL, fica por este meio dotado de todos os direitos, benefícios e privilégios de MEMBRO INSTITUCIONAL ATIVO DA ASSOCIAÇÃO HOSPITALAR AMERICANA. Em testemunho do que a Associação promoveu a assinatura e selagem deste, em 31 de Julho de 1951. aa) ilegível, George Bugbee, Diretor Executivo».

- (a) Dr. Eneas de Carvalho Aguiar, Superintendente.
- (a) Prof. Cantídio de Moura Campos, Chefe do Corpo Clínico.

Ao Conselho Técnico e Administrativo do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de S. Paulo os votos de parabens pela louvável iniciativa do Boletim H. C.

"O BISTURÍ"

foi composto e impresso na

Gráfica Linotype

LIVROS JORNAIS REVISTAS

Celso Mesquita Leite

Rua Mem de Sá, 172
Telefone: 32-4348 São Paulo

O Hospital das Clínicas e o estudante de Medicina

Muita gente, esquecida do passado, necessita que se lhes recorde constantemente que aquilo que hoje não perdoam desejaram outrora que lhes fosse perdoado e que aquilo que não permitem hoje desejaram outrora que lhes fosse permitido. E agora, quando são eles que governam, quando são eles que ditam as normas, que fazem as leis, incorrem nos mesmos erros, apoiam-se nos mesmos dogmas que outrora condenavam. Talvez a máscara do poder lhes impeça de ver como outrora, talvez o olhar de cima obrigue a ver sob outro ângulo.

Alguns professores, assistentes e funcionários hierárquicos se esqueceram do principal motivo da principal finalidade do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina. O simples nome de nada lhes recorda. É preciso que se lhes lembre que o Hospital das Clínicas está em função da Faculdade de Medicina e que a Faculdade de Medicina é uma escola de ensino médico e portanto está em função do estudante de medicina. E para preencher devidamente esta finalidade é que foi criado ou adaptado o Hospital das Clínicas. É este não é como muitos pensam, apenas um hospital de misericórdia, apenas um hospital para indigentes, mas principalmente um hospital de ensino que foi criado ou adaptado principalmente para esta finalidade. E em virtude disto é que o aluno da Faculdade de Medicina não recebe a instrução por favor — sim por direito, direito este que não lhe foi concedido simplesmente, mas que o adquiriu já pela exclusiva condição de ter entrado na Faculdade.

Porém o tratamento aos alunos no H. C. nem sempre tem sido baseado neste princípio. Quase sempre fazem-lhes ver que é por favor que se lhes permite entrar no hospital, que é por favor que se lhes administram as aulas, que é por favor que se lhes permite fazer suas refeições no hospital, que é por favor que se lhes permite dormir no hospital quando dão plantão noturno.

Muitos já o disseram, abertamente, que o estudante de medicina é um onus para o Estado e que este dispense quantias astronômicas com o seu ensino. Mas isto não é verdade.

Se é verdade que o ensino na Faculdade de Medicina é gratuito para os alunos, não é porém verdade que eles sejam um onus para o Estado. Se o Estado dispense dinheiro com seu ensino, à parte o ser ensino gratuito uma obrigação do Estado, este recebe parte destas despesas, por meio de impostos, indiretamente do próprio aluno, por intermédio de seus pais parentes (mesmo que infima seja esta parte e mesmo que pareça ingenuidade o enumerá-la). Em segundo lugar, a maior parte da despesa do Estado é em benefício dos indigentes — que estes sim são um onus para o Estado, que, porém tem o dever de por eles zelar, que indiretamente ele é o responsável por sua existência.

E em terceiro lugar — e isto é preciso lembrar — parte dessa despesa do Estado é destinada aos vencimentos dos professores, assistentes, médicos auxiliares, enfermeiras e demais funcionários, com a finalidade precípua de ensinar e de fornecer condições que facilitem o ensino dos alunos da Faculdade de Medicina.

Não havendo o aluno de medicina, e não havendo esta finalidade primária, não há necessidade da Faculdade de Medicina com ela do Hospital das Clínicas. Não havendo estes não há necessidade de professores, e assistentes, e médicos auxiliares, e funcionários. Tudo gira portanto em redor do aluno, tudo está em função do aluno, em função do seu ensino médico. É necessário não esquecer isto.

Se o Estado precisa de um hospital para indigentes — e precisa mesmo — : se não existisse o H. C., teria que fazer um igual a este, dando-lhe porém qualquer outro nome, e suas despesas não seriam em nada inferiores às atuais, talvez até superiores, porque não teria o trabalho gratuito dos alunos e dos médicos recém-formados.

Aí está um ponto de primordial importância: trabalho dos alunos. Não se sabe exatamente como qualificá-lo: às ve-

zes funcionam como médicos, outras como enfermeiros outras até como funcionários escriturários. E se este trabalho nas enfermarias, fora das aulas, visa melhor aprimoramento do seu ensino (nem sempre, às vezes é para garantir um internato), assim como os plantões no Pronto Socorro, nem sempre um plantão destes, noturno, após um dia cheio de atividades, pode ser de utilidade para os alunos.

Se já não bastasse o simples direito que o aluno tem ao ensino, estes trabalhos já pagariam de muito as despesas que o Estado tem com ele.

Mas comportamento para com os alunos, como acima foi dito, nem sempre é baseado nos direitos adquiridos por eles pelo fato de serem alunos de medicina e pelo fato de darem seu esforço pessoal para a complementação dos préstimos admiráveis do Hospital das Clínicas.

Não será vexame algum se forem referidos aqui certas circunstâncias certos pormenores que isoladamente possam parecer ridículos, mas que em conjunto são um peso que se abate sobre o psíquico físico do estudante de medicina.

Num setor, vejamos um exemplo: o volume de aulas teóricas em períodos de atividades no H. C. de outras aulas, no mesmo período, também teóricas consideradas práticas para efeito de frequência. Isto será discutido adiante.

Em outro setor, sobressai sobremaneira falta de consideração para com os alunos dos 5.º e 6.º anos que dão plantões no P. S., com relação aos dormitórios para os mesmos.

Não se deve e não se pode exigir destes alunos que permaneçam a noite toda no P. S. quando não há o que fazer. Por conseguinte dormitório é uma necessidade imperiosa. E por ser necessidade deve corresponder pelo menos à fisiologia normal.

No entanto, que é dado aos alunos? Um vasto quarto com cerca de 30 leitos no 6.º andar e 2 quartinhos no 10.º andar, com 4 e 5 leitos respectivamente!

É inadmissível que se obrigue jovens, que dão o seu esforço físico e psíquico, — mesmo que isto lhe possa trazer vantagens futuras — que muitas vezes tem apenas algumas poucas horas para repousar, que muitas vezes tem obrigações múltiplas e aulas no dia seguinte, que durmam aos montes num mesmo quarto. Mesmo as maiores enfermarias, exceptuando dos queimados (um erro muito lastimável), não comportam geralmente mais que 6 a 8 leitos.

E isto não é tudo! Não há um lavatório especial para os plantonistas e não se lhes fornecem toalhas, sabonete para a mais elemental higiene matinal.

E para as colegas-plantonistas? Estas nem dormitório próprio tem. Seu quarto, nas mesmas condições acima, é uma oferta generosa do Prof. Décourt, embora ele muito necessite — e já o solicitou por várias vezes — este compartimento para o laboratório da 2.ª CM.

E muita coisa mais poderia ser citada. Mas basta! Já é uma prova cabal da falta de consideração para com os alunos. Nós alunos deveríamos propor — embora exigir fosse o temo mais exato, mas poderíamos ferir sensibilidades — ao CTA do H. C. que, uma vez que a enfermaria de Neurologia vai subir para 5.º andar, as atuais dependências do 2.º andar sejam transformadas em adequados dormitórios para os estudantes-plantonistas.

Voltando ao assunto das despesas vultuosas com ensino médico, seria de se perguntar se é ensino ministrado à altura das despesas tidas com ele; e mais ainda, sem o esforço próprio do aluno frequentando as enfermarias e Pronto-Socorro, se seria suficiente o ensino.

Não! para a primeira pergunta, devido à falta de coordenação; não! para a segunda porque, sem trabalho nas enfermarias orientado por professores, assistentes e médicos-auxiliares e sem o trabalho no P. S. orientados pelos assistentes e médicos-internos jamais se formarão médicos à altura da missão a cumprir.

É preciso portanto adaptar melhor ensino: Por um lado coordenar as várias cadeiras do curso por outro transferir as aulas teóricas, todas sem exceção, mes-

mo as assim chamadas teórico-práticas, para o período da tarde, enquanto período da manhã, em que as enfermarias e os ambulatórios funcionam, deveria ser dedicado às aulas práticas de enfermaria aos trabalhos práticos nas enfermarias e ambulatórios.

Sobre o assunto da coordenação, ou seja da organização do ensino em nossa escola, um grupo de colegas, bem intencionados, fez uma enquete, que foi distribuída a todos os alunos, em qual se cita uma série de questões que visam mostrar falhas na organização do ensino em nossa faculdade, falhas estas que já foram, por diversas vezes, apontadas até por professores, citando também exemplos patentes e conclamando os demais colegas a analisar estas questões — dar sua opinião a respeito.

Vamos copiar os quesitos, analisá-los acrescentar nosso ponto de vista:

1 — Em relação aos primeiros anos da Escola, sentimos dificuldade em adquirir uma visão de conjunto de um mesmo assunto, estudado sob vários pontos de vista. Exemplificando: estudamos o aparelho digestivo na Anatomia, na Histologia-Embriologia, na Química na Fisiologia e afinal adquirimos noções gerais e esparsas desse assunto sem contudo sermos capazes de encará-lo simultaneamente sob esses vários aspectos. A primeira vista essa simultaneidade parece não ter importância mas quando começamos a frequentar a clínica é que nos ressentimos da falta daqueles conhecimentos entrosados.

Muito certo.

2 — Basta um pequeno olhar para as clínicas médicas e cirúrgicas para verificarmos que muitos assuntos são repetidos nos vários anos, ao passo que outros são tratados de um modo superficial. Para citar um exemplo temos na clínica médica o estudo do aparelho circulatório em pelo menos 3 anos, prestando-se pouca atenção a outros aparelhos. A clínica cirúrgica também apresenta esse aspecto pois aparelho digestivo é dado várias vezes (exemplo: megaesôfago e megacolo).

Também certo. Aliás, alguns professores são de opinião que as clínicas médica cirúrgica deveriam ser departamentos, sob a direção cada uma delas de um só professor (por conseguinte impossível no momento, só no futuro). Atualmente, no entanto, deveria haver coordenação entre as várias clínicas, para que haja continuidade no curso e para que se evite que em várias clínicas se estude mesmo aparelho ou mesma moléstia sob diferentes pontos de vista — por outro lado se deixe de estudar outros aparelhos ou outras moléstias por falta de tempo.

3 — Um outro ponto de bastante interesse é o caso das cadeiras de semestre de ano. Terapêutica é dada em seis meses; Higiene e Medicina Legal em um ano. Será que essa disposição é a que melhor atende aos nossos interesses?

Já tocamos neste assunto no último número, desejaríamos fazer uma correção em tempo: Devemos nos bater para que a Terapêutica seja dada em um ano, porque matéria de importância básica no curso médico. No entanto não em prejuízo da cadeira de Higiene e Tisiologia, que não deve ser restringida mas sim melhorada, pois que é um assunto também de grande importância, mas que, infelizmente, como é ministrada não consegue atrair a atenção dos alunos.

4 — No terreno da Patológica há algo a constatar: no terceiro ano, por uma louvável iniciativa, já se assistem às autópsias discutem-se casos clínicos simultaneamente com a matéria dada. No 4.º ano não seria útil e interessante que se discutissem casos clínicos ao mesmo tempo que se desenvolvesse o curso teórico-prático?

Também achamos que é um melhoramento louvável a introdução das necrópsias para os terceiro-anistas. (Estes são de fato felizardos. Com esta medida e sem o «Foca» estão de parabéns). De resto concordamos.

5 — Para os quinto-anistas que ainda comparecem aos plantões de Obstetrícia

que nada mais fazem do que papeletas eventualmente entram em operações para instrumentá-las perguntamos: sendo Hospital das Clínicas um Hospital de ensino, não seria aí que se deveria aprender a realizar um parto?

Omitimos uma parte desta questão porque não condiz com a verdade. Consideramos impraticável o que vamos dizer, mas se o aluno permanecesse durante todo o plantão na enfermaria acompanhando um trabalho de parto, poderia talvez fazer este parto. Ninguém o impede. Acontece que paciência de parteiro só mesmo parteiro tem e ninguém quer passar uma noite em claro para talvez fazer um parto. E fazer papeletas não é lá coisa que atráia. Achamos que questão deveria ser discutida com professor ou com seus assistentes, afim de se achar um meio para que os alunos também façam alguns partos antes de terminarem o curso.

6 — Finalmente outro ponto de grande importância: com a distribuição disposição dos horários das aulas, o tempo que nos resta para frequentar as enfermarias é suficiente? Qual seria a solução para esse problema? Será é insolúvel?

Já respondemos em parte este quesito linhas acima. E desejamos frisar mais uma vez: o período da manhã, em que funcionam as enfermarias — os ambulatórios — deveria ser exclusivamente dedicado aos trabalhos práticos, com orientação direta dos professores e assistentes; as aulas teóricas — as teórico-práticas — podem muito bem ser dadas no período da tarde.

As aulas teóricas são de frequência livre, mas nem sempre é por este motivo que a maioria dos alunos não as assiste. Aqueles que trabalham em enfermarias de clínica médica, de clínicas especializadas, principalmente de clínica cirúrgica, mesmo que desejam assistir às aulas teóricas, não as assistem porque preferem assistir uma discussão de caso na enfermaria ou ajudar uma intervenção cirúrgica.

E se as aulas teóricas são de fato necessárias, porque nelas são dadas as experiências os conhecimentos adquiridos em longos anos de estudo e trabalhos, quasi todas elas são apostiladas por conseguinte lidas quando bem o entendemos ou podemos, ao passo que trabalho prático nas enfermarias, este para nós é da maior importância, porque mais palpável, porque mais nos aproxima daquilo que consideramos necessário para nossa formação médica, porque, de fato, cada dia de enfermaria bem empregado é menos um dia de preocupação depois de formados.

Finalmente começa a se esboçar um raio de compreensão!

Há muito tempo luta-se pela remuneração do estudante de medicina — que este também é um ser humano que precisa comer e se vestir — que nem todos são «filhinhos de papai» como muitos pensam. E para se manter e pagar os livros que custam fortunas, o estudante de medicina precisa «cavar», procurar um trabalho qualquer, muitas vezes completamente alheio à sua futura profissão. Então vem-lo dando aulas ou fazendo propaganda de produtos farmacêuticos, quando não é uma outra ocupação menos entusiasmante. E isto porque não se oferecem empregos aos estudantes de medicina em hospitais e não é remunerado o trabalho do estudante dentro da profissão, dentro de suas capacidades, no Hospital das Clínicas.

Não se poderia então, dentro do Hospital das Clínicas, encontrar ocupações dentro de suas capacidades e dentro de sua profissão para os estudantes de medicina que necessitam «cavar» seu sustento?

O raio de compreensão que se esboçou é a remuneração justa e arduamente conseguida para os doutorandos que dão plantão de ambulância.

Finalmente resolveu-se compreender a importância dos serviços prestados que o estudante de medicina não deve ser um benemérito — pobre benemérito — num ambiente em que outros, cujos serviços prestados são muito menos valiosos, ganham muito bem.

JOSE VELENSCK